
**PROGRAMA DE SALVAMENTO ARQUEOLÓGICO DAS
UHE's SANTA CLARA E FUNDÃO**



**RELATÓRIO ANUAL DE ATIVIDADES DO
PROGRAMA DE SALVAMENTO ARQUEOLÓGICO DAS
USINAS HIDRELÉTRICAS SANTA CLARA E FUNDÃO**

VALE DO RIO JORDÃO – PARANÁ

PROGRAMA DE SALVAMENTO ARQUEOLÓGICO DAS UHE's SANTA CLARA E FUNDÃO

RELATÓRIO ANUAL DE ATIVIDADES DO PROGRAMA DE SALVAMENTO ARQUEOLÓGICO DAS USINAS HIDRELÉTRICAS SANTA CLARA E FUNDÃO

VALE DO RIO JORDÃO – PARANÁ

**CURITIBA
DEZEMBRO 2005**

Sumário

1. Introdução	1
2. O Programa de Salvamento Arqueológico	3
3. Métodos de Prospecção	4
4. Análise de Laboratório	6
5. Recursos Humanos	10
6. Atividades desenvolvidas em campo e laboratório	12
7. Arqueologia e histórico da região de estudo com os dados recuperados até novembro de 2005.....	19
8. Conclusões e recomendações	30
9. Referências bibliográficas	32
10. ANEXO 1 : Relatório Fotográfico.....	37

RELATÓRIO ANUAL DE ATIVIDADES DO PROGRAMA DE SALVAMENTO ARQUEOLÓGICO DAS USINAS HIDRELÉTRICAS SANTA CLARA E FUNDÃO - 2005

Arqueóloga Claudia Inês Parellada

*Arqueóloga Coordenadora do Programa de Salvamento
Arqueológico das UHE's Santa Clara e Fundão*

Resumo

O Programa de Salvamento Arqueológico das UHE's Santa Clara e Fundão, que abrange parte dos municípios paranaenses de Pinhão, Cândói, Foz do Jordão e Reserva do Iguaçu, vem sendo desenvolvido desde julho de 2003, executado pela IGPLAN, e apoiado pelo Museu Paranaense. Para a realização da pesquisa foram analisadas bibliografias e fotografias aéreas da região, e em campo fez-se prospecções e escavações nas áreas dos canteiros de obras, de construção dos eixos das barragens, das casas de força, e dos reservatórios. Além desses locais, foram vistoriadas as ampliações de estradas e novos acessos, como também entrevistando a população local, visando o cadastro de novos sítios arqueológicos. A análise de fotografias aéreas dinamizou as atividades de campo, além de colaborar na caracterização de estruturas arqueológicas; fazendo-se a interpretação das fotos na mesma seqüência das regiões prospectadas em campo. Realizaram-se sete saídas a campo, totalizando 52 dias, onde foram coletados vestígios, caracterizando 82 sítios arqueológicos e em 24 áreas de ocorrências isoladas de material, que não chegaram a configurar sítios. Na região de estudo caracterizou-se a presença de grupos caçadores-coletores, desde 10.000 anos AP (antes do presente) a ceramistas e horticultores das tradições Itararé-Taquara e Tupiguarani, bem como de colonizadores europeus e luso-brasileiros, após o século XVI. Ainda deve ser comentado que foram cadastrados abrigos em rochas básicas, como andesitos e basaltos, alguns com pinturas rupestres, na área de construção do eixo da barragem e da casa de força da UHE Fundão, no município de Foz do Jordão. Os objetivos principais foram a caracterização do patrimônio arqueológico da região, e os processos ambientais que aconteceram durante e após as ocupações humanas, relacionadas à formação do registro arqueológico. Objetivou-se, ainda, a análise dos sistemas de assentamento, da mobilidade territorial, da tecnologia de produção de artefatos, e das formas de utilização do meio-ambiente na região, por grupos pré-coloniais, e as adaptações realizadas. Também o programa pretende formatar propostas para o gerenciamento do patrimônio arqueológico de áreas atingidas pelos empreendimentos.

1. INTRODUÇÃO

Pesquisas arqueológicas preliminares na área diretamente afetada e de influência das usinas hidrelétricas Santa Clara e Fundão, conforme o diagnóstico do patrimônio arqueológico descrito no EIA-RIMA, mostraram a necessidade de implantação de programa de salvamento.

Assim, as pesquisas arqueológicas, financiadas pela ELEJOR, e executadas pela IGPLAN, começaram em julho de 2003, sendo apoiadas pelo Museu Paranaense. Porém, as prospecções arqueológicas, com coleta de material, foram iniciadas em novembro de 2003, a partir da publicação pelo Ministério da Cultura, no Diário Oficial da União, n.232, de 28/11/2003, da portaria n.217, de 27 de novembro de 2003, do Departamento de Proteção do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, que dispõe sobre a permissão para o desenvolvimento deste trabalho. Essa permissão foi renovada pelo IPHAN por mais um ano, e agora está sendo novamente renovada para a conclusão dos trabalhos de campo, até fevereiro de 2005, e de laboratório. Afinal, estas áreas que abrangem parte dos municípios paranaenses de Pinhão, Cândói, Foz do Jordão e Reserva do Iguaçu, contém importantes vestígios de diferentes grupos humanos, fundamentais para a compreensão da pré-história e história do Paraná.

Os estudos realizados na região, até o momento, resultaram em uma faixa de ocupação humana que se inicia com grupos caçadores-coletores relacionados à Tradição Arqueológica Umbu, com sítios que podem ter idade de até 10.000 anos A.P. A idade da datação por radiocarbono é referida ao ano de 1950, sendo representada do seguinte modo: 7.000 anos A.P. (antes do presente, isto é antes de 1950). Desde 4.000 anos A.P. ocorrem também vestígios de populações ceramistas e horticultoras, filiadas a Tradição Itararé-Taquara, e a partir de dois mil anos de povos Tupiguarani. Em alguns destes sítios de grupos ceramistas ocorrem evidências de contato com populações correlatas à Tradição Neobrasileira, relacionada aos colonizadores europeus, depois do século XVI. Ainda foram cadastrados abrigos, em rochas básicas, com representações simbólicas de grupos humanos pretéritos (observar tabela 1). Nas proximidades da região de estudo existiam ramais do caminho indígena do Peabiru, que posteriormente nos séculos XVII à XIX foram reaproveitados pelos colonizadores que transitavam naquela região.

O patrimônio arqueológico é a parcela de uma herança maior, deixada pelas gerações passadas, administrada, usada e usufruída pela geração presente, mas com transmissão obrigatória para as gerações futuras (Schmitz, 1988). Ainda conforme a legislação vigente no país, a Lei nº3924 de 1961, que dispõem sobre os locais pré-históricos e históricos, estes locais são bens da União e devem ser objetos de pesquisa e proteção.

“O patrimônio arqueológico é a parte do patrimônio material no qual os métodos arqueológicos fornecem dados primários. Compreende todos os vestígios da existência humana e consiste de locais relacionados a todas as manifestações de atividade humana, estruturas abandonadas e vestígios de todos os tipos (incluindo sítios subterrâneos e subaquáticos), junto com todo o material cultural associado com eles.” (tradução de ICOMOS, 1990, p. 127).

Tabela 1 - Periodização arqueológica para o centro-sul paranaense

	PERÍODO	GRUPOS	TRADIÇÕES
Arqueologia Pré-Histórica	desde 10.000 anos A.P. (anos antes do presente)	caçadores – coletores	Umbu
			Humaitá
		pinturas e gravuras rupestres	Planalto
			Geométrica
Arqueologia Histórica	desde 4.000 anos A.P. desde 2.000 anos A.P.	horticultores – ceramistas	Itararé
			Tupiguarani
Arqueologia Histórica	a partir do século XVI	européus, jesuítas, índios contactados, membros de expedições de conquista	Neobrasileira

A arqueologia pode ser definida como sendo a disciplina que objetiva o resgate e a interpretação do passado, seja através de vestígios da cultura material, de representações simbólicas, ou ainda de traços de casas, aldeias, cidades, fogueiras e sepultamentos dos mais diversos povos.

Os objetivos principais da pesquisa foram a de caracterizar os grupos humanos que habitaram aquela área, reconstituir o paleoambiente destes locais, e identificar os processos ambientais que aconteceram durante e após a ocupação da região. Ainda procuraram ser levantados os padrões de assentamento e de subsistência, a tecnologia de produção de artefatos, as formas de utilização do meio-ambiente na região por grupos pré-históricos e as adaptações realizadas, devido às mudanças ambientais decorrentes a fatores climáticos e/ ou problemas de manejo.

Atualmente, segundo Hodder (1988), são três as áreas do debate arqueológico: a relação entre cultura material e sociedade, as causas da mudança (social, econômica e cultural), e a epistemologia e a inferência, ou seja, como interpretam o passado os arqueólogos.

Sítio arqueológico pode ser definido, conforme Chang (1968), como sendo o "local físico ou conjunto de locais onde membros de uma comunidade viveram, garantiram sua subsistência e exerceram suas funções sociais em dado período de tempo". Chang (1968) ainda destaca que qualquer definição de sítio arqueológico estará incompleta se não for ser levado em conta a sua relação com o ambiente que seus habitantes estavam em contato significativo. Houve a utilização dos enfoques da arqueologia pós-processual, onde o interesse pela estrutura, mente e significado leva a uma maior preocupação pela presença do presente no passado. Afinal, as leituras informam e contribuem para o presente através de uma valoração crítica do passado (Hodder, 1988).

Preucell & Hodder (1996) observam que a arqueologia não é o estudo do objeto mas de processos, ou seja, processos de debate surgidos com a evidência material; sendo que esses processos são de fazer e comunicar diferentes perspectivas. Afinal, a cultura material não reflete passivamente a sociedade, mas sim, permite a visualização dos diferentes grupos humanos através da ação dos indivíduos.

2. O PROGRAMA DE SALVAMENTO ARQUEOLÓGICO

O Programa de Salvamento Arqueológico das UHE's Santa Clara e Fundão foi iniciado em julho de 2003, com recursos provenientes da ELEJOR e a metodologia está descrita detalhadamente no projeto (PARELLADA, 2003). Até o mês de setembro de 2004 foram realizadas cinco saídas as áreas de estudo, totalizando 42 dias, fazendo-se o acompanhamento da obra desde os trabalhos de terraplanagem na UHE Santa Clara, e do desmatamento para início da terraplanagem no caso da UHE Fundão.

Nas duas primeiras fases de campo a equipe foi composta por 4 pessoas: dois pesquisadores e dois estagiários do Museu Paranaense, e na terceira etapa foi integrada por três pesquisadores da mesma instituição; sempre as etapas de campo contaram com um veículo locado, fornecido pela IGPLAN. Na quarta fase de campo houve a participação de cinco pesquisadores, e de mais cinco auxiliares de campo, contratados na própria região. Na quinta etapa de campo a equipe era composta por quatro pesquisadores, sendo dois do Museu Paranaense e dois museólogos do Rio de Janeiro.

Na área impactada pela UHE Santa Clara foram já prospectados os locais de construção dos canteiros, do eixo da barragem e da casa de força, bem como cerca de 50% da área do reservatório. Devido aos atrasos no cronograma das obras e, conseqüentemente, do desmatamento do reservatório da UHE Santa Clara, houve também a necessidade de adiamento de parte das prospecções arqueológicas, para que pudesse ocorrer uma melhor visibilidade da área que será submersa. Alguns trechos do reservatório da UHE Santa Clara ainda não foram vistoriados devido a péssima visibilidade e a existência de plantações e/ou mata, e/ ou um declive muito acentuado, o que inviabilizava a possibilidade de registro e coleta de materiais arqueológicos.

Já foram cadastrados mais 24 novos sítios arqueológicos na área da UHE Santa Clara, além dos 6 que tinham sido identificados no EIA-RIMA. Ainda foram recuperados ocorrências isoladas de vestígios de ocupações humanas pretéritas em mais sete pontos do reservatório da UHE Santa Clara. Os sítios cadastrados são relacionados, principalmente, a aldeias de populações ceramistas-horticultoras da Tradição Itararé e Tupiguarani, e em menor proporção a acampamentos de grupos caçadores-coletores, filiados à Tradição Umbu.

Na área impactada pela UHE Fundão já foram prospectados cerca de 60% dos locais planejados para a construção dos canteiros, do eixo da barragem e da casa de força. Devido aos atrasos no cronograma das obras e, conseqüentemente, do desmatamento do reservatório da UHE Fundão, houve também a necessidade de adiamento de parte das prospecções arqueológicas, para que pudesse ocorrer uma melhor visibilidade da área que estava sendo desmatada.

Nas áreas de desmate da UHE Fundão, A e B, em locais de construção do eixo da barragem, britador e casa de força, houve a caracterização de abrigos em rochas básicas, onde foram identificadas pinturas rupestres. Devido a grande concentração de sítios arqueológicos filiados à Tradição Itararé, existem grandes possibilidades da recuperação de sepultamentos humanos junto a estes abrigos.

3. MÉTODOS DE PROSPECÇÃO

- **Análise Bibliográfica**

Com ênfase em aspectos arqueológicos, etno-históricos e históricos do vale do rio Jordão e áreas circunvizinhas, além de textos teórico-metodológicos em arqueologia e antropologia, o estudo bibliográfico foi dividido-se em:

- *Arqueológico*: análise de bibliografia especializada visando o aperfeiçoamento de métodos e técnicas, além de obtenção de dados arqueológicos da região.
- *Antropológico e etno-histórico*: levantamento e análise de dados etnográficos e etno-históricos, com ênfase na cultura material e contexto ambiental dos diversos grupos humanos que habitaram esta região.
- *Geológico, geomorfológico e pedológico*: levantamento de dados sobre as possíveis fontes de matéria-prima para confecção de artefatos líticos e cerâmicos, e os prováveis locais de assentamento destes grupos humanos.
- *Biológico*: levantamento sobre a fauna e flora, que possa ter sido utilizada na dieta alimentar e na confecção de artefatos pelas populações pré-históricas.

- **Análise Fotointerpretativa**

Fez-se a análise interpretativa de fotografias aéreas, caracterizando anomalias de relevo, solo, e vegetação, com texturas, tonalidades e formas diferenciadas, que podiam identificar estruturas arqueológicas. Esta análise foi baseada em métodos descritos em Sabins Jr (1987), Grehs (1980) e, Parellada (1989).

Ainda essa análise visou dinamizar as atividades de campo, através de uma mais rápida e abrangente visualização de dados do relevo, estradas, drenagens, vegetação, solo e geologia da área que os pesquisadores vem percorrendo em campo, e que são básicos para o planejamento das prospecções na região de estudo. A análise das áreas por sensoriamento remoto foi realizada na mesma seqüência que as regiões que foram alvo de cadastramento e prospecção.

- **Planejamento e Preparativos para Campo**

Com os dados obtidos das fases anteriores, mais os resultados das prospecções preliminares, foram definidas tanto a localização, como a orientação das malhas de prospecção exploratória de sítios arqueológicos na região de estudo.

- **Trabalho de Campo**

O trabalho de campo foi dividido em duas fases:

- Localização, cadastramento e prospecção de sítios arqueológicos :

Através de dados levantados na análise bibliográfica e das fotografias aéreas e imagens de satélite, e também com entrevistas com a população local, foram localizados e cadastrados sítios onde ocorrem vestígios arqueológicos. Os sítios foram cadastrados com dados exigidos pela regulamentação de 1988 da lei n. 3924, de 1961, pelo IPHAN, através do preenchimento de fichas.

.Todos os sítios arqueológicos identificados foram plotados em fotografias aéreas, em escala 1:25.000 (1952 e 1980, IAP-PR), e em mapas topográficos.

Através de dados levantados na análise bibliográfica e das fotografias aéreas e imagens de satélite, e também com entrevistas com a população local, foram localizados e cadastrados sítios onde ocorrem vestígios arqueológicos.

Os sítios foram cadastrados segundo a ficha com dados exigidos pela regulamentação de 1988 da lei n.3924, de 1961, pelo IPHAN. Para verificação das coordenadas em UTM usou-se o aparelho GPS Etrex Summit da Garmin, com altímetro.

Para cadastrar os sítios, além da coleta superficial, foram descritos perfis, procurando a definição das dimensões, da estratigrafia e do grau de perturbação destes sítios, bem como dos vestígios culturais e biológicos associados.

- Escavação Arqueológica:

Os sítios arqueológicos mais significativos, selecionados com a análise dos dados recuperados na prospecção, foram escavados, realizando-se também a topografia e a análise microambiental do entorno destes sítios. O estudo do meio ambiente trará dados básicos atuais para serem comparados aos recuperados nas escavações, fornecendo informações importantes na tentativa de reconstruir os paleoambientes, os quais os grupos humanos, da região de estudo, ao longo do tempo, estavam inseridos.

Durante as prospecções e escavações foram coletados vestígios da cultura material e biológicos, além da matriz sedimentar para análises granulométricas, palinológicas, de minerais pesados e químicas. Os dados sedimentológicos possibilitam tentativas de reconstrução do paleoambiente, e a caracterização dos processos sin e pós-deposicionais aos períodos de ocupação humana. Os sedimentos removidos durante as escavações foram peneirados em malhas de diversos tamanhos, a seco, para recuperar pequenos vestígios que não puderam ser identificados na escavação.

Todo o material arqueológico, recuperado em campo, foi incorporado ao acervo do Departamento de Arqueologia do Museu Paranaense, sendo que todas as peças coletadas e/ ou recebidas por doação foram restauradas, numeradas, acondicionadas em caixas indexadas, analisadas, e fotografadas, em conjunto ou isoladamente, dependendo da peça.

Em alguns sítios foram coletadas amostras para datação, tanto para análise pelo método do Carbono 14 como pelo da termoluminiscência.

4. ANÁLISE DE LABORATÓRIO

- **Análise de Material Cultural**

- *Lítico*: os artefatos foram analisados segundo critérios tecnológicos, morfológicos e funcionais, de acordo com os sistemas de classificação e nomenclatura propostos por Laming-Emperaire (1967), Miller (1975), Brézillon (1976), Tixier et al. (1980) e Wust (1990), com algumas adaptações. Em relação à tecnologia foram observados: matéria-prima, técnica de produção, presença de córtex e acidentes de lascamento. Nos aspectos morfológicos analisou-se as dimensões do refugo e dos instrumentos, além da natureza do trabalho secundário. Utilizou-se estereomicroscópio, paquímetro, sonda exploratória, canivete e escala de Mohs.

Existem uma série de métodos diferentes para caracterizar o material lítico segundo a funcionalidade, então se optou pela nomenclatura preconizada por Laming-Emperaire (1967), adaptando-se também o método de Chmyz (1984). Cabe destacar que muitos destes artefatos apresentam multifunções, o que muitas vezes torna difícil e confusa uma classificação que tenha como base a funcionalidade de cada vestígio lítico. Mesmo assim agrupou-se pelo critério tecno-tipológico, pois é o que possibilita uma visão mais abrangente do cotidiano destas populações.

Neste trabalho as amostras foram agrupadas em:

- lascas: representam os fragmentos de rocha debitados por percussão;
- microlascas : lascas com dimensões inferiores a 25mm;
- lascas utilizadas: as que mostravam, em qualquer parte de sua superfície, sinais de uso como instrumento específicas;
- lascas retocadas: as que receberam retoques por percussão direta mais leve e por pressão;
- núcleos esgotados: os seixos ou blocos que sofreram um ou mais lascamentos, mas que não mostravam sinais de utilização posterior;
- núcleos utilizados: os seixos ou blocos que apresentavam sinais de utilização, embora sem adaptação para os determinados fins específicas;
- núcleos retocados: os seixos ou blocos que foram parcial ou totalmente modificados para o desempenho de funções específicas;
- raspadores: utensílios de lasca ou bloco com formas plano-convexas, podendo ser laterais, de extremidade, de ponta, plano-convexas, elípticos e de bico;
- facas : lascas, utilizadas ou retocadas, que tem bordo ativo menor que 35°;

- buril: é uma ferramenta de lasca com um bordo ativo formado pela interseção de dois ou mais lascamentos perpendiculares ao plano principal, provocando uma extremidade pontiaguda, segundo definição adaptada de Laming-Emperaire (1967);
 - pontas de projéteis: são lascadas bifacialmente, tendo formas geralmente de folha e/ ou amêndoa. As pontas apresentam lascamentos de retoque por pressão nos bordos, algumas extremidades das pontas apresentam-se quebradas;
 - talhadores: são seixos rolados com lascamento por percussão direta na extremidade, em uma ou duas faces, com ângulos de 70° a 90°;
 - batedores ou percutores: seixos ásperos, sem quaisquer lascamentos, com sinais de esmagamento na extremidade, utilizados para lascas por percussão;
 - plainas: ferramentas de bloco ou lasca, plano-convexa; sendo que o bordo ativo tem ângulos maiores que 50°, obtido por lascamentos abruptos, executados a partir da face plana. A função seria, possivelmente, a de desbastar a madeira;
 - lâminas de machado polidas: artefatos confeccionados através do polimento de seixos, podendo apresentar garganta, onde era fixado o encabamento. Serviam para cortar e fender;
 - fragmentos atípicos: estilhaços ou pedaços de matéria-prima sem evidências diretas de trabalho humano.
- *Osteodontoqueratomalacológico*: os artefatos foram agrupados em classes de acordo com sua matéria-prima. Dentro destas classes foram definidos tipos a partir de critérios, tais como: posição anatômica original, técnica de elaboração do artefato, forma, dimensões e zonas ativas, segundo método de Rohr (1979), com algumas adaptações.
 - *Cerâmica*: o material cerâmico está sendo estudado quanto a aspectos tecnológicos, como o tipo de pasta, tipo e quantidade de antiplástico, método de manufatura, tipo e temperatura de queima, espessura da parede, segundo metodologia preconizada por Shepard (1963) e Rye (1981), com algumas adaptações. Também foi caracterizado o tratamento de superfície, e a forma para evidenciar possíveis funções.

De acordo com as características da pasta e o tratamento da superfície a cerâmica está sendo classificada em tipos. Obviamente, a classificação da cerâmica está sendo também reorganizada em função de critérios mais amplos, principalmente com a contextualização dos níveis de ocupação humana e os outros vestígios arqueológicos que ocorram associados. Também foram iniciadas as análises químicas das decorações, além de outros métodos arqueométricos que colaborem na compreensão da tecnologia cerâmica. Alguns fragmentos de cerâmica serão datados pelo método da termoluminescência.

Para caracterizar as formas foram reconstruídas graficamente as vasilhas através de fragmentos de bordas e alguns do corpo e da base; sendo que para configurar os perfis de borda utilizou-se a metodologia de Meggers & Evans (1970). Assim, os lábios das

bordas foram orientados segundo um plano horizontal para o desenho dos perfis das bordas.

Para obter os diâmetros das vasilhas está sendo utilizado um ábaco de círculos concêntricos, divididos em intervalos de 2 em 2cm, no qual foram comparadas as medidas do arco da boca na altura do lábio. De acordo com as características da pasta e do tratamento de superfície, o material cerâmico estudado está sendo classificado em tipos. Ainda se busca a definição de traços europeus e a cerâmica tipicamente indígena.

Muitos fragmentos apresentavam-se trincados e parcialmente erodidos pelo intemperismo ou pela ação antrópica. Os fragmentos pintados eram os mais danificados, fazendo com que na maioria não se pudesse caracterizar os motivos decorativos. Na maioria dos fragmentos, especialmente na face interna, podem ser observados os sinais de objetos alisadores, como seixos de quartzo.

A cerâmica estudada está sendo dividida em dois tipos simples, e dependendo de cada sítio arqueológico pesquisado em uma série de tipos decorados. Os tipos simples foram diferenciados pela granulometria dos antiplásticos existentes: Finos e Grossos.

O método de manufatura da pasta do material cerâmico simples fino é o acordelado, sendo que em poucos fragmentos podem ser observados os cordéis. Os antiplásticos são areia fina a grossa, predominando a areia fina. Na maior parte também aparecem grânulos de hematita, quartzo e feldspato, com tamanho variando entre 0,5mm a 1,5mm, e cerâmica moída com dimensões até 1,5mm. Raros são os fragmentos com carvão, onde ocorrem com dimensões de até 1,5mm. A textura, na maioria dos exemplares, apresenta-se homogênea, com poucos alveólos de ar distribuídos na massa. A fratura é geralmente irregular e pouco friável. A maioria possui pasta com tons cinza, e queima com oxidação incompleta.

A maioria do material tem cor marrom escura a negra, havendo ainda grande proporção de marrom claro e bege. Geralmente tem superfícies bem alisadas, porém mostram sinais de alisadores, sendo comuns as manchas de queima. Em geral são ásperas ao toque, e poucos fragmentos apresentam-se erodidos, trincados e com antiplásticos aflorando na superfície.

O método de manufatura da pasta do material cerâmico simples grosso é o acordelado, sendo que em poucos fragmentos podem ser observados os cordéis. Os antiplásticos são a areia fina (< 0,5mm) a grossa (até 1mm), ocorrendo também cerâmica moída com dimensões entre 0,5mm a 5mm, e grânulos de hematita, quartzo e feldspato, com tamanho variando entre 0,9mm a 5mm.

A maior parte apresenta textura heterogênea, com muitos alveólos de ar alongados, distribuídos irregularmente na massa. Geralmente a fratura é irregular e pouco friável. A maioria tem tons cinza, variando do claro ao escuro; e a queima com oxidação incompleta

Os materiais apresentam, principalmente, as cores marrom escuro a negro. A maioria possui superfície bem alisada, sendo também comuns as manchas de queima. Em

geral são ásperas ao toque, mostrando-se muitas vezes os fragmentos erodidos, trincados e com afloramento de antiplásticos na superfície.

Muitos fragmentos apresentam engobo negro e/ou vermelho. O engobo vermelho trata-se de uma delgada camada de tinta vermelha aplicada diretamente à face previamente alisada dos recipientes. Geralmente o engobo recobre toda a superfície dos recipientes.

- **Análise do Material Biológico:**

- *Material Zoológico:* Foram identificados os vestígios de vertebrados e invertebrados coletados durante a escavação a partir de coleções de referência. Numa segunda fase relacionar-se-ão estes exemplares e seu habitat, distribuição geográfica, posição na cadeia alimentar e fatores abióticos determinantes.

Pretende-se dessa forma caracterizar a dieta alimentar, as estratégias para coleta, pesca, caça e o ambiente no qual essas populações estavam inseridas e determinar a área compreendida para essas atividades. A análise do material ósseo de animais seguiu os métodos de Davis (1987) e Hesse & Wapnish (1985).

5. RECURSOS HUMANOS

As especificidades do projeto determinaram alterações na equipe que desenvolvia o trabalho, como pode ser observado nas tabelas 2 (trabalhos em laboratório) e na 3 a 7 (saídas a campo).

Tabela 2 – Os componentes, da equipe, que realizaram os trabalhos de laboratório

NOME	QUALIFICAÇÃO	PERÍODO
Claudia Inês Parellada	Coordenadora/ Responsável Técnica	2003-05
Rodolfo Bassani	Historiador	2003-04
Patrícia Depiné	Oceanógrafa	2003-04
Georgeana Barbosa de França	Jornalista, acadêmica Ciências Sociais	2004-05
Giovani Dariva	Estagiário (História)	2003
Ricardo Reksidler Braga	Estagiário (Geografia)	2003-04
Fábio Sewczuk	Estagiário (História)	2004
Veridiana Angélica Vieira	Estagiária (Ciências Sociais)	2004-05
Martha H. Becker	Estagiária (História)	2005

Tabela 3 – Participantes da 1º fase de campo, de 11 a 13/ 07/ 2003

NOME	QUALIFICAÇÃO
Claudia Inês Parellada	Coordenadora/ Responsável Técnica
Rodolfo Bassani	Historiador
Janete dos Santos Gomes	Técnica em Museus, Acadêmica de Turismo
Giovani Dariva	Acadêmico de História

Tabela 4 – Participantes da 2º fase de campo, de 10 a 19/ 01/ 2004

NOME	QUALIFICAÇÃO
Claudia Inês Parellada	Coordenadora/ Responsável Técnica
Patrícia Depiné	Oceanógrafa
Janete dos Santos Gomes	Técnica em Museus, Acadêmica de Turismo
Ricardo Reksidler Braga	Acadêmico de Geografia

Tabela 5 – Participantes da 3º fase de campo, de 23/ 04 a 01/ 05/ 2004

NOME	QUALIFICAÇÃO
Claudia Inês Parellada	Coordenadora/ Responsável Técnica
Rodolfo Bassani	Historiador
Georgeana Barbosa de França	Jornalista, acadêmica Ciências Sociais

Tabela 6 – Participantes da 4º fase de campo, de 08 a 24/ 06/ 2004

NOME	QUALIFICAÇÃO
Claudia Inês Parellada	Coordenadora/ Responsável Técnica
Rodolfo Bassani	Historiador
Georgeana Barbosa de França	Jornalista, acadêmica Ciências Sociais
Diego Lemos Ribeiro	Museólogo
Diogo Corrêa Maia	Museólogo

Tabela 7 – Participantes da 5º fase de campo, de 23/07 a 30/ 07/ 2004

NOME	QUALIFICAÇÃO
Claudia Inês Parellada	Coordenadora/ Responsável Técnica
Georgeana Barbosa de França	Jornalista, acadêmica Ciências Sociais
Diego Lemos Ribeiro	Museólogo
Diogo Corrêa Maia	Museólogo

Tabela 8 – Participantes da 6º fase de campo, de 30/ 03 a 04/ 04/ 2005

NOME	QUALIFICAÇÃO
Claudia Inês Parellada	Coordenadora/ Responsável Técnica
Georgeana Barbosa de França	Jornalista, mestranda Antropologia Social UFPR
Veridiana Angélica Vieira	Acadêmica Ciências Sociais
Martha H. Becker	Acadêmica História

Tabela 9 – Participantes da 7º fase de campo, de 08 a 11/ 04/ 2005

NOME	QUALIFICAÇÃO
Claudia Inês Parellada	Coordenadora/ Responsável Técnica
Georgeana Barbosa de França	Jornalista, mestranda Antropologia Social UFPR
Veridiana Angélica Vieira	Acadêmica Ciências Sociais
Martha H. Becker	Acadêmica História

6. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS EM CAMPO E LABORATÓRIO

Na primeira atividade de campo buscavam-se maiores subsídios para o planejamento de futuras saídas a campo. Houve vistoria técnica preliminar em campo, no período de 11 a 13 de julho de 2003, das áreas que estavam sendo afetadas pelos trabalhos de terraplanagem do canteiro de obras, do eixo da barragem, e da área onde ficará situada a casa de força da Usina Hidrelétrica Santa Clara. Também foram observados os locais onde estavam sendo feitas parte das ampliações de acessos.

Houve o acompanhamento do fiscal Mário Furini, contratado da ELEJOR, que no 12/ 07 acompanhou a equipe de arqueologia na vistoria às obras, e no 13/ 07 forneceu uma autorização para a continuidade dos trabalhos na área.

Nas, segunda e terceira, etapas de campo realizadas, foram verificadas:

- a área do canteiro de obras, do eixo da barragem e da casa de força da UHE Santa Clara;
- cerca de 50% da área do reservatório da UHE Santa Clara;
- parte (60%) da área planejada para o canteiro de obras, o eixo da barragem, a janela do canal de escavação, e a casa de força da UHE Fundão.

Na quarta e quinta fases de campo foram ampliadas as prospecções junto à casa de força e as áreas de canteiros da UHE Fundão, e realizadas escavações nas áreas do sítios a céu-aberto Eixo Barragem UHE Fundão 5 e 7, além dos abrigos Fundão 1 e 7, onde foram recuperados vestígios da cultura material, além de amostragens para datação. Nas áreas dos abrigos foi realizada extensiva documentação gráfica e fotográfica, inclusive de locais com pinturas rupestres.

Nas áreas desmatadas da UHE Fundão, tanto junto ao eixo da barragem e do britador como na casa de força, foram identificados abrigos em rochas andesíticas e basálticas, sendo que em alguns deles foram caracterizadas pinturas rupestres em vermelho. Áreas próximas a alguns abrigos foram escavados, onde se resgataram materiais líticos e carvões relacionados a estruturas de combustão, como fogões e fogueiras. Na sexta e sétima saídas foram vistoriadas áreas do reservatório da UHE Santa Clara, principalmente no final do reservatório. As sete saídas a campo já totalizaram 52 dias, conforme tabela 10.

Tabela 10 – Datas das cinco primeiras saídas de campo do Programa de Salvamento Arqueológico das UHE's Santa Clara e Fundão

Nº Saída	Período	Número de Dias	Nº de Dias Cumulativos
1	11 a 13/07/2003	02	02
2	10 a 19/01/2004	09	11
3	23/04 a 01/05/2004	08	19
4	08 a 24/06/2004	16	35
5	23 a 30/07/2004	07	42
6	30/03 a 04/04/2005	06	48
7	08 a 11/04/2005	04	52

Em laboratório foram desenvolvidas as seguintes atividades:

- Levantamento e análise bibliográfica enfatizando aspectos arqueológicos, etno-históricos e históricos do vale do rio Jordão e áreas circunvizinhas, além de textos teórico-metodológicos em arqueologia e antropologia;
- Higienização, restauração, indexação e análise de laboratório dos vestígios arqueológicos coletados nas cinco primeiras etapas de campo. Houve coleta de materiais líticos, cerâmicos e orgânicos das UHE's Santa Clara e Fundão.

Na UHE Santa Clara já foram cadastrados mais 43 novos sítios arqueológicos, conforme tabelas 11 e 12, além dos 6 identificados no EIA-RIMA, que configuram principalmente paleo-aldeias de grupos ceramistas e agricultores Itararé-Taquara, havendo também vestígios Tupiguarani. Ainda ocorrem áreas de antigos acampamentos temporários de caçadores-coletores Umbu, onde foram coletados muitos artefatos líticos retocados, inclusive pontas de projétil e raspadores denticulados.

Os sítios arqueológicos cadastrados inserem-se, principalmente, nos topos de morro e em meia-encostas, e secundariamente nos vales, às margens do rio Jordão. Alguns mostram evidências que houve pouca perturbação no solo e apresentam bom estado de conservação. Este fato aconteceu principalmente nos locais desmatados há pouco tempo, como nas áreas de supressão vegetal do reservatório da UHE Santa Clara, e também onde foram construídos o eixo da barragem, a janela de escavação e a casa de força da UHE Fundão.

Nas fotografias aéreas da AEROSAT - 2002, escala 1:20.000, podem ser observadas anomalias de coloração, com formas ovaladas, que provavelmente caracterizam áreas de habitação de antigas aldeias Itararé, chegando em alguns casos a serem caracterizadas mais de seis na área de um dos sítios arqueológicos.

Foram descritos alguns perfis estratigráficos, através da limpeza de barrancos e de poços de sondagem. Caracterizaram-se concentrações de vestígios arqueológicos, principalmente materiais líticos e cerâmicos, como o preenchimento de fichas de cadastro de sítios arqueológicos, conforme as normas do IPHAN, já identificados no Programa de Salvamento Arqueológico das Usinas Hidrelétricas Santa Clara e Fundão.

Até o momento já foram cadastrados ao todo 82 novos sítios arqueológicos, no Programa de Salvamento Arqueológico do Complexo Energético das UHE's Santa Clara e Fundão.

Nas prospecções arqueológicas desenvolvidas nas áreas de construção do eixo da barragem, da casa de força e janela da escavação, da UHE Fundão, na terceira, quarta e quinta fases de campo, especialmente nos locais de supressão vegetal, foram cadastrados mais 19 novos sítios arqueológicos a céu-aberto, sendo 14 paleo-aldeias e 5 paleo-acampamentos, observar tabela 13, além de vários abrigos-sob-rocha em andesitos e basaltos, verificar tabela 14, alguns, inclusive, com pinturas rupestres e/ ou com vestígios de cultura material.

Tabela 11 - Novos sítios arqueológicos cadastrados no Resgate Arqueológico da UHE Santa Clara, parte 1

N	Sítios arqueológicos	Município	Coorden. em UTM	Tradição	Vestígios
1	Canteiro Santa Clara 1	Pinhão	7.161.988 404.155	Itararé	Fragm. cerâmicos e artefatos líticos
2	Canteiro Santa Clara 2	Pinhão	7.162.076 404.201	Itararé	Fragm. cerâmicos e artefatos líticos
3	Casa de Força UHE Santa Clara	Pinhão	7.160.886 403.083	Itararé	Fragm. cerâmicos e artefatos líticos
4	Eixo UHE Santa Clara 1	Pinhão	7.163.041 404.114	Itararé	Fragm. cerâmicos e artefatos líticos
5	Eixo UHE Santa Clara 2	Pinhão	7.162.912 403.659	Itararé	Fragm. cerâmicos e artefatos líticos
6	Eixo UHE Santa Clara 3	Pinhão	7.162.807 403.449	Itararé	Fragm. cerâmicos e artefatos líticos
7	Ensecadeira 1	Pinhão	7.162.569 404.297	Itararé	Fragm. cerâmicos e artefatos líticos
8	Ensecadeira 2	Pinhão	7.162.535 404.104	Itararé	Fragm. cerâmicos e artefatos líticos
9	Fazenda Visconde 5	Pinhão	7.162.972 410.937	Tupiguarani	Fragm. cerâmicos e artefatos líticos
10	Fazenda Visconde 6	Pinhão	7.163.196 410.486	Tupiguarani	Fragm. cerâmicos e artefatos líticos
11	Fazenda Visconde 7 (P173)	Pinhão	7.163.671 410.222	Itararé	Artefatos líticos, na foto aérea config. habitações
12	Fazenda Visconde 8 (P179 e 180)	Pinhão	7.163.160 411.347	Itararé e Tupiguarani	Oficinas líticas, bacias de polimento
13	Fazenda Visconde 9 (P182)	Pinhão	7.164.353 411.697	Itararé	Fragmentos cerâmicos e artefatos líticos
14	Fazenda Visconde 10 (P177)	Pinhão	7.163.359 410.922	Itararé	Artefatos líticos
15	Fazenda Visconde 11 (P184)	Pinhão	7.164.306 412.009	Umbu	Artefatos líticos
16	Fazenda Visconde 12 (P198)	Pinhão	7.165.986 413.244	Umbu	Artefatos líticos
17	Fazenda Visconde 13 (P189 e 190)	Pinhão	7.163.721 412.365	Umbu	Artefatos líticos
18	Fazenda Tupi 2	Pinhão	7.163.587 407.096	Itararé	Fragmentos cerâmicos e artefatos líticos
19	Fazenda Tupi 3	Pinhão	7.163.843 407.147	Itararé	Fragmentos cerâmicos e artefatos líticos
20	Batatal Tupi 1	Pinhão	7.163.124 406.604	Itararé	Fragmentos cerâmicos e artefatos líticos
21	Batatal Tupi 2	Pinhão	7.163.687 407.182	Itararé	Fragmentos cerâmicos e artefatos líticos
22	Fazenda Novo Rodeio 2	Candói	7.162.102 408.356	Itararé	Artefatos líticos, na foto aérea config. habitações
23	Fazenda Novo Rodeio 3	Candói	7.163.771 409.442	Geométrica	Artefatos líticos, área de possíveis gravuras rocha
24	Candói-Ferreira 1	Candói	7.166.393 406.576	Itararé	Fragmentos cerâmicos e artefatos líticos

Tabela 12 - Novos sítios arqueológicos cadastrados no Resgate Arqueológico da UHE Santa Clara, parte 2

N	Sítios arqueológicos	Município	Coorden. em UTM	Tradição	Vestígios
25	Final Reservatório UHE Santa Clara 1	Pinhão	7.166.740 416.035	Itararé	Fragm. cerâmicos e artefatos líticos
26	Fazenda Postinho 1	Pinhão	7.158.293 408.957	Itararé	Fragm. cerâmicos e artefatos líticos
27	Fazenda Postinho 2	Pinhão	7.161.282 409.375	Itararé	Fragm. cerâmicos e artefatos líticos
28	Fazenda Postinho 3	Pinhão	7.161.508 409.326	Itararé	Materiais líticos
29	Fazenda Postinho 4	Pinhão	7.161.154 409.575	Itararé	Fragm. cerâmicos e materiais líticos
30	Fazenda Postinho 5	Pinhão	7.161.198 409.739	Itararé	Materiais líticos
31	Dirceu Lacerda 1	Candói	7.164.382 415.674	Itararé	Materiais líticos
32	Dirceu Lacerda 3	Candói	7.164.629 415.174	Itararé	Fragm. cerâmicos e materiais líticos
33	Dirceu Lacerda 5	Candói	7.165.464 414.737	Umbu	Materiais líticos
34	Dirceu Lacerda 6	Candói	7.165.911 414.909	Umbu	Materiais líticos
35	Procópio Caldas 1	Pinhão	7.166.754 416.038	Itararé	Fragm. cerâmicos e materiais líticos
36	Procópio Caldas 2	Pinhão	7.166.895 416.087	Tupiguarani	Fragm. cerâmicos, lascas e corantes
37	Procópio Caldas 3	Pinhão	7.166.525 415.980	Itararé	Fragm. cerâmicos e materiais líticos
38	Procópio Caldas 4	Pinhão	7.166.107 416.015	Itararé	Fragmentos cerâmicos e materiais líticos
39	Procópio Caldas 5	Pinhão	7.166.305 416.000	Itararé	Fragmentos cerâmicos e materiais líticos
40	Papel Santa Clara 1	Candói	7.167.010 408.123	Itararé	Fragmentos cerâmicos e materiais líticos
41	Papel Santa Clara 2	Candói	7.166.987 408.238	Itararé	Materiais líticos
42	Caracu Santa Clara 1	Candói	7.165.682 406.904	Itararé	Fragmentos cerâmicos e materiais líticos
43	Caracu Casa de Força	Candói	7.166.822 408.264	Itararé	Fragmentos cerâmicos e materiais líticos

Tabela 13 - Novos sítios arqueológicos cadastrados durante o Programa de Salvamento Arqueológico da UHE Fundão

N	Sítios arqueológicos	Município	Coorden. em UTM	Tradição	Vestígios
1	Eixo Barragem UHE Fundão 1	Foz do Jordão	7.156.018 398.862	Itararé	Fragm. cerâmicos e artefatos líticos
2	Eixo Barragem UHE Fundão 2	Foz do Jordão	7.156.084 399.038	Itararé	Fragm. cerâmicos e artefatos líticos
3	Eixo Barragem UHE Fundão 3	Foz do Jordão	7.156.164 398.866	Itararé	Fragm. cerâmicos e artefatos líticos
4	Eixo Barragem UHE Fundão 4	Foz do Jordão	7.156.551 399.079	Itararé	Fragm. cerâmicos e artefatos líticos
5	Eixo Barragem UHE Fundão 5	Foz do Jordão	7.156.454 398.910	Itararé	Fragm. cerâmicos e artefatos líticos
6	Eixo Barragem UHE Fundão 6	Foz do Jordão	7.155.743 399.130	Itararé	Fragm. cerâmicos e artefatos líticos
7	Eixo Barragem UHE Fundão 7	Foz do Jordão	7.156.460 398.840	Umbu, Itararé, Guarani	Fragm. cerâmicos e artefatos líticos
8	Janela Escavação UHE Fundão 1	Foz do Jordão	7.155.629 397.376	Umbu	Artefatos líticos, oficina lítica
9	Canteiro UHE Fundão 1	Foz do Jordão	7.155.254 396.561	Itararé	Fragm. cerâmicos e artefatos líticos
10	Canteiro UHE Fundão 2	Foz do Jordão	7.156.000 395.704	Itararé	Artefatos líticos
11	Canteiro UHE Fundão 3	Foz do Jordão	7.155.511 395.753	Itararé	Artefatos líticos
12	Casa Força Fundão 1 (P 334)	Foz do Jordão	7.155.529 396.374	Itararé	Fragm. cerâmicos e artefatos líticos
13	Casa Força Fundão 2 (P 432)	Foz do Jordão	7.154.892 395.764	Umbu	Artefatos líticos
14	Casa Força Fundão 3 (P 428)	Foz do Jordão	7.154.880 395.953	Itararé	Artefatos líticos
15	Casa Força Fundão 4 (P 361)	Foz do Jordão	7.155.144 396.447	Itararé	Fragm. cerâmicos e artefatos líticos
16	Casa Força Fundão 5 (P 437)	Foz do Jordão	7.154.496 396.101	Umbu	Artefatos líticos
17	Casa Força Fundão 6 (P 438)	Foz do Jordão	7.154.572 396.005	Umbu	Artefatos líticos
18	Casa Força Fundão 7 (P 443)	Foz do Jordão	7.155.771 396.913	Umbu	Artefatos líticos
19	Casa Força Fundão 8 (P 447)	Foz do Jordão	7.154.872 396.435	Itararé	Fragmentos cerâmicos e artefatos líticos

Na área de construção do eixo da barragem da UHE Fundão já foram identificados dez abrigos-sob-rocha, situados em local de supressão vegetal B, observar coordenadas na tabela 14. Quatro abrigos estão próximos às áreas de abertura dos túneis, junto ao eixo da barragem, e seis deles na área da futura instalação do britador. Deve ser observado que já foram cadastrados novos sítios arqueológicos a céu aberto na antiga área de supressão vegetal B, e alguns outros na antiga área A, onde foram demarcadas, estradas e os túneis, pelas equipes de topografia da Triunfo.

Junto à antiga área de supressão vegetal A da UHE Fundão, foram identificados vários abrigos-sob-rocha, alguns estão mencionados na tabela 14, que possuem em seu entorno vestígios da cultura material, como artefatos líticos e fragmentos cerâmicos. No abrigo Casa de Força Fundão I foram observadas vestígios de pigmentos vermelhos na parede, que possivelmente configuram pinturas rupestres.

Na terceira fase de campo, em maio de 2004, os trabalhos foram interrompidos devido às fortes chuvas, que impossibilitaram o acesso à área de estudo, pois as estradas eram em sedimentos argilosos, na época sem cascalho. Assim, foram deixadas instruções, sobre como realizar a limpeza no entorno e colocar a faixa de segurança nos abrigos rochosos identificados, para a equipe da fiscalização ambiental, chefiada por Marco Furini, da empresa Ambiente Rural, bem como para o representante do engenheiro Moisés (estava em viagem), da Triunfo, o assistente Márcio.

Deve ser ressaltado que as prospecções ainda foram desenvolvidas e que, portanto, podem ser identificados novos sítios arqueológicos, inclusive abrigos com pinturas rupestres e/ou com vestígios da cultura material e sepultamentos humanos. Alguns abrigos-sob-rocha na UHE Fundão foram alvos de escavação tanto na quarta como na quinta fase de campo.

Foram escavadas 12 quadras no abrigo Fundão 1, tanto na área do entorno como no interior da cavidade, e mais três quadras no abrigo Fundão 7. No sítio arqueológico, a céu-aberto, Eixo Barragem UH Fundão escavou-se cinco quadras, inclusive com coleta de carvão para datação.

Tabela 14- Abrigos-sob-rocha cadastrados, alguns com vestígios arqueológicos já identificados, nas áreas de construção do eixo da barragem e da casa de força da UHE Fundão, as coordenadas em UTM foram medidos com GPS Etrex Garmin, com nível de precisão entre 7 a 10m

N	Abrigos com vestígios arqueológicos	Área Supressão Vegetal	Coordenadas em UTM
1	Abrigo Fundão 1	B	7.156.708 398.994
2	Abrigo Fundão 2	B	7.156.676 398.988
3	Abrigo Fundão 3	B	7.156.474 399.153
4	Abrigo Fundão 4	B	7.155.781 399.408
5	Abrigo Fundão 5	B	7.155.879 399.296
6	Abrigo Fundão 6	B	7.156.661 398.896
7	Abrigo Fundão 7	B	7.156.567 399.119
8	Abrigo Casa de Força Fundão 1	A	7.155.107 396.615
9	Abrigo Casa de Força Fundão 2	A	7.155.144 396.647

7. ARQUEOLOGIA E HISTÓRICO DA REGIÃO DE ESTUDO COM OS DADOS RECUPERADOS ATÉ NOVEMBRO DE 2005

Os vestígios arqueológicos encontrados nessa região podem ser divididos em pré-históricos e históricos, sendo que os sítios históricos seriam ruínas e vestígios da cultura material relacionados à ocupação europeia dos séculos XVI ao XX.

Os vestígios pré-históricos seriam representados por artefatos, sepultamentos humanos, restos de habitações e da dieta alimentar, relacionados tanto a populações caçadoras e coletoras como a povos agricultores e ceramistas que habitavam aquela área. Ainda podem ser encontrados em alguns sítios arqueológicos as representações simbólicas desses grupos, como pinturas e gravuras rupestres.

Os diversos sítios arqueológicos estudados separadamente, para poderem ser mais facilmente compreendidos, foram agrupados pelos arqueólogos em fases e tradições. A Tradição representa um grupo de sítios onde uma série de elementos ou técnicas tem persistência temporal (Chmyz, 1976a).

No Paraná têm-se Tradições relacionadas a populações caçadoras-coletoras, denominadas Umbu, Humaitá e as de coleta litorânea, representadas pelos sambaquis; e de povos agricultores e ceramistas, que são as Tradições Tupiguarani e a Itararé. Para as pinturas e gravuras rupestres têm-se as Tradições Planalto e Geométrica.

Antes do início dos trabalhos deste programa de salvamento arqueológico já existiam vários sítios arqueológicos cadastrados na área afetada pelas Usinas Hidrelétricas Santa Clara e Fundão, conforme tabelas 15 e 16.

No levantamento de campo realizado para subsidiar o EIA-RIMA da Usina Hidrelétrica Santa Clara foram cadastrados seis sítios arqueológicos filiados à Tradição Itararé: Fazenda Visconde I, e II, Novo Rodeio I, Fazenda Visconde III e IV, como pode ser observado na tabela 15.

A maioria destes sítios apresentavam-se parcialmente destruídos por atividades antrópicas, como a agricultura e a abertura de estradas. Em todos estes sítios arqueológicos foram recuperados fragmentos cerâmicos da Tradição Itararé, além de artefatos líticos, sendo que na maioria deles os vestígios ocorriam desde a superfície até 25cm, em meio a uma matriz de sedimentos areno-argilosos marrom avermelhados, com pedaços de carvão associados.

Tabela 15 - Sítios arqueológicos cadastrados na elaboração do EIA-RIMA na área da UHE Santa Clara

Nº	SÍTIO ARQUEOLÓGICO	MUNICÍPIO	COORD EM UTM	MATERIAIS	TRADIÇÃO ARQ
1	Fazenda Visconde 1	Pinhão	H- 7.164.450 V- 411.800	Fragmentos cerâmicos e artefatos líticos	Itararé
2	Fazenda Visconde 2	Pinhão	H- 7.163.300 V- 411.600	Fragmentos cerâmicos e artefatos líticos	Itararé
3	Fazenda Visconde 3	Pinhão	H- 7.162.800 V- 411.150	Fragmentos cerâmicos e artefatos líticos	Itararé
4	Fazenda Visconde 4	Pinhão	H- 7.163.800 V- 410.400	Artefatos líticos	Itararé
5	Novo Rodeio 1	Candói	H- 7.161.900 V- 409.200	Fragmentos cerâmicos e artefatos líticos	Itararé
6*	Fazenda Tupi 1	Pinhão	H- 7.162.100 V- 406.900	Artef. líticos e fragm. cerâmicos relatados	Tupiguarani (?)

No levantamento de campo realizado para o EIA-RIMA da UHE Fundão, foram cadastrados 14 sítios arqueológicos, sendo 12 relacionados a Tradição Itararé, a maior parte na área diretamente afetada pela futura usina: Boa Vista I, III, IV, V, VI e VII, Vaca Branca I e II, Campo Bonito I, II e IV; além de um na área de influência: Boa Vista II.

Em um destes sítios arqueológicos, o da Boa Vista II, situado na área de influência, ocorrem associados artefatos líticos possivelmente relacionados à Tradição Umu, o que pode representar duas ocupações em períodos diferentes na mesma área, ou que houve contato interétnico entre estes dois grupos humanos.

A maioria destes sítios apresentavam-se parcialmente destruídos por atividades antrópicas, como a agricultura e a abertura de estradas. Em todos estes sítios arqueológicos foram recuperados fragmentos cerâmicos da Tradição Itararé, além de diversos artefatos líticos, sendo que na maioria deles os vestígios ocorriam superficialmente até 25cm, em meio a uma matriz de sedimentos argilo-arenosos marrom amarelados a avermelhados, com pedaços de carvão associados. Somente no sítio Campo Bonito I os vestígios ocorriam até 70cm de profundidade.

Tabela 16 - Sítios arqueológicos cadastrados na elaboração do EIA-RIMA na área da UHE Santa Clara

Nº	SÍTIO ARQUEOLÓGICO	MUNICÍPIO	COORD EM UTM	MATERIAIS	TRADIÇÃO ARQ
1	Boa Vista 1	Foz do Jordão	H- 7.155.050 V- 399.250	Fragmentos cerâmicos e artefatos líticos	Itararé
2	Boa Vista 2	Foz do Jordão	H- 7.155.650 V- 399.050	Fragmentos cerâmicos e artefatos líticos	Umbu, Itararé
3	Boa Vista 3	Foz do Jordão	H- 7.154.850 V- 399.750	Artefatos líticos (oficina lítica)	Itararé
4	Boa Vista 4	Foz do Jordão	H- 7.155.200 V- 400.700	Fragmentos cerâmicos e artefatos líticos	Itararé
5	Boa Vista 5	Foz do Jordão	H- 7.155.650 V- 400.150	Fragmentos cerâmicos e artefatos líticos	Itararé
6	Boa Vista 6	Foz do Jordão	H- 7.155.750 V- 400.000	Artefatos líticos	Itararé
7	Boa Vista 7	Foz do Jordão	H- 7.155.650 V- 400.000	Artefatos líticos	Itararé (?)
8	Vaca Branca 1	Foz do Jordão	H- 7.154.650 V- 397.300	Artefatos líticos	Itararé (?)
9	Vaca Branca 2	Foz do Jordão	H- 7.155.000 V- 397.200	Artefatos líticos	Itararé (?)
10	Campo Bonito 1	Pinhão	H- 7.155.100 V- 397.500	Fragmentos cerâmicos e artefatos líticos	Itararé
11	Campo Bonito 2	Pinhão	H- 7.154.700 V- 399.050	Artefatos líticos, restos de fogueira	Itararé
12	Campo Bonito 3	Pinhão	H- 7.154.700 V- 399.300	Artefatos líticos, restos de fogueira	Umbu
13	Campo Bonito 4	Pinhão	H- 7.154.600 V- 399.750	Artefatos líticos, restos de fogueira	Itararé
14	Fazenda Sobrado	Pinhão	H- 7.153.900 V- 401.750	Restos de muro de taipa de pedra	Neobrasileira

As primeiras referências a existência de vestígios arqueológicos no vale do baixo rio Iguaçu são de Ambrosetti (1895). No final da década de 1960, Chmyz (1969a,b, 1971) realizou pesquisas arqueológicas sistemáticas no alto, médio e baixo rio Iguaçu, localizando 95 sítios. Em 1964, o arqueólogo Chmyz escavou em ritmo de salvamento o sítio arqueológico PR UV 8, que estava situado ao lado da UHE Salto Grande, área que ficou submersa com a formação do reservatório da UHE Foz do Areia (Chmyz 1981a). Esses estudos foram ampliados, a partir do final da década de 1970, com o desenvolvimento de projetos de salvamento no médio rio Iguaçu, nas áreas de alagamento das Usinas Hidrelétricas de Foz do Areia (Chmyz, 1981a), Salto Santiago (Chmyz 1981b), e Segredo (J. C. Chmyz 1994, 1995).

Em estudos ambientais prévios à construção da Usina Hidrelétrica Salto Caxias, realizados pelo CEPA - UFPR, foram cadastrados 8 sítios arqueológicos e 21 indícios (Chmyz, 1993). Com a execução do Programa de Salvamento Arqueológico da UHE Salto Caxias, pelo Museu Paranaense, foram cadastrados, no final das pesquisas, 120 sítios arqueológicos (Parellada 1995/96, 1999, 2001).

Em 1998, foi desenvolvido pelo Museu Paranaense, o Programa de Salvamento Arqueológico da Linha de Transmissão em 525 kV, entre a Usinas Hidrelétricas Salto Caxias e Salto Santiago (Parellada 1999, 2000), com a recuperação de vestígios em 61 das 212 áreas das torres. Entre 2000 e 2001, foi realizado o resgate arqueológico das Linhas de Transmissão em 525kV UHE Salto Caxias - Cascavel, com a coleta de vestígios em 52 das 131 torres, e em 31 dos 130 vãos entre as torres (Parellada 2000).

As primeiras evidências de povoamento no sudoeste paranaense remontam a cerca de 10.000 anos atrás, e estão relacionadas a caçadores-coletores da Tradição Umbu no vale do baixo Iguaçu (Parellada et al., 2003).

Possivelmente, já entre 12.000 e 15.000 anos atrás, as áreas compreendidas pelos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, bem como as do nordeste da Argentina, eram ocupadas por grupos caçadores-coletores. No interior do Paraná esses grupos estariam representados pelas Tradições Bituruna, Umbu e Humaitá.

A **Tradição Bituruna**, segundo Chmyz (1981b), é representada por sítios com grandes pontas de projéteis pedunculadas e foliáceas, além de grande variedade de raspadores, elaborados principalmente sobre lascas, microlascas e lâminas; sendo geralmente a metade dos artefatos em sílex. No vale do médio rio Iguaçu, Chmyz (1981b) cadastrou o sítio Rio Xagu 1 (PR-AS-1), com dimensões 45x 30m. Chmyz (1994), na área da UHE Segredo, também registrou sítios desta tradição.

Sítios arqueológicos relacionados a essa tradição foram caracterizados no médio e baixo rio Iguaçu, nas áreas de reservatório das Usinas Hidrelétricas Foz do Areia, Salto Santiago e Salto Caxias (Chmyz 1981b, 1993; Parellada 2001). Em alguns sítios dessa região, houve várias reocupações do mesmo local, tanto por populações relacionadas à tradição Bituruna, como por grupos Umbu, Humaitá, e Itararé.

Com o clima tornando-se mais quente e úmido, a cerca de 7.000 anos atrás, intensificou-se a quantidade de sítios arqueológicos relacionados às tradições tecnológicas de grupos humanos caçadores-coletores, relacionadas a distintos ambientes naturais: a tradição Umbu, em áreas mais abertas, de campos e cerrados; a Humaitá, em regiões de floresta densa, e os sambaquis na costa litorânea.

A **Tradição Umbu** compreende os sítios pré-cerâmicos caracterizados principalmente pela presença em suas indústrias de grande quantidade de pontas de projéteis (Kern, 1981; Schmitz, 1984). A ocupação destas populações foi tanto em abrigos, sempre que os mesmos estivessem naturalmente disponíveis, como a céu aberto. Existem sítios multifuncionais com reocupação relativamente freqüente, sendo alguns somente estações de caça (Schmitz, 1991). Geralmente estão localizados próximos a arroios, rios, banhados ou lagoas, e, raramente, ao mar. No Paraná ocorrem nos vales dos altos rios Iguaçu, Tibagi, Ivaí, Ribeira, e no litoral.

Os artefatos líticos típicos seriam pontas de projétil pedunculadas, triangulares, foliáceas, de formas e dimensões variadas, lascas, raspadores, furadores e percutores, podendo ainda aparecer talhadores, buris, grandes bifaces, lâminas polidas de machado, polidores e picões (Schmitz, 1984).

No vale do baixo e médio rio Iguaçu, nas áreas de reservatório das UHE's Foz do Areia, Salto Santiago e Salto Caxias foram registrados sítios filiados à Tradição Umbu, com datações próximas à 3.100 anos A.P. (Chmyz 1981b, 1993; Parellada 1995-96, 1999, 2000, 2001). No vale do rio Iguaçu, relacionados à Tradição Umbu, Chmyz (1981b) cadastrou 6 sítios pertencentes à Fase Iguaçu na área de alagamento da UHE Salto Santiago, sendo que estes vestígios ocupavam áreas entre 541 e 3532m², e distavam entre 6 a 250m do rio Iguaçu. Chmyz (1994) também registrou a ocorrência de materiais relacionados à Tradição Umbu, na UHE Segredo.

Na área afetada pela construção da UHE Fundão foram cadastrados dois sítios arqueológicos filiados à Tradição Umbu: o Campo Bonito III, e o Boa Vista II (Parellada et al., 1998), onde também ocorriam vestígios filiados à Tradição Itararé.

Com os resultados parciais do salvamento arqueológico do Complexo Energético das UHE's Santa Clara e Fundão tem-se novos sítios cadastrados tanto na área do reservatório da UHE Santa Clara, como o Fazenda Visconde 11, 12 e 13, como junto à UHE Fundão, com os sítios Eixo Barragem UHE Fundão 7, Janela Escavação Fundão 1, Casa Força Fundão 2, 5, 6 e 7.

A **Tradição Humaitá** compreende sítios pré-cerâmicos do interior que não possuem pontas de projétil de pedra, mas tem uma grande proporção de artefatos sobre bloco, onde se destacam bifaces, talhadores, enxós, raspadores e furadores, associados a uma grande quantidade de lascas (Kern, 1981; Schmitz 1984, 1991). O padrão de assentamento característico são sítios-acampamento, multifuncionais, a céu-aberto, preferencialmente nas proximidades de cursos d'água, e excepcionalmente em abrigos.

Estes sítios concentram-se nos vales de rios, que possuíam cobertura de floresta tropical semi-úmida e subtropical, ou seja, no Paraná situam-se principalmente nos vales dos rios Paranapanema, Ivaí, Tibagi, Iguaçu e Paraná.

No vale do baixo rio Iguaçu, em áreas de estudo do PRONAPA (Chmyz, 1971) e do reservatório da UHE Salto Caxias registraram-se sítios filiados à Tradição Humaitá (Chmyz 1993; Parellada 1995-96, 1998, 1999, 2000, 2001). Na UHE Salto Caxias ocorrem principalmente em áreas de vale, com muitos artefatos produzidos em riolito.

Há cerca de 3000 anos atrás aparecem os primeiros vestígios de populações horticultoras e ceramistas no território atualmente compreendido pelo Estado do Paraná, os da Tradição Itararé, e a dois mil anos atrás já se tem assentamentos de povos relacionados a Tradição Tupiguarani.

A **Tradição Itararé** é característica das terras altas do Sul do Brasil, cujas populações estão relacionadas a antepassados de grupos indígenas do Tronco Lingüístico Jê (Chmyz, 1968a; Schmitz, 1988). Essa tradição é representada por uma cerâmica utilitária, geralmente de pequenas proporções, com eventual engobo negro ou vermelho. Os artefatos líticos mais representativos são mãos de pilão, lâminas de machado lascadas ou polidas, talhadores, raspadores e lascas. Esses povos habitaram terras altas e frias cobertas pela floresta subtropical com pinheiros, e chegaram a ocupar os vales de rios, o litoral atlântico, abrigos-sob-rocha, cavernas e casas subterrâneas.

Os sítios são de vários tipos, conforme Schmitz (1991), sendo que nas áreas altas dos pinheirais e campos existem grande quantidade de casas subterrâneas, além de galerias subterrâneas escavadas nas encostas de morros. Junto a estes vestígios de habitação ocorrem algumas vezes pequenos aterros, possíveis sepulturas. A dieta alimentar destes grupos baseava-se fortemente na caça e coleta, sobressaindo a de pinhão. Eles plantavam milho, mandioca e alguns outros vegetais de maneira incipiente.

No vale do rio Iguaçu foram cadastrados inúmeros sítios arqueológicos dessa Tradição, com as datações mais antigas de populações ceramistas no Paraná.

Nos sítios arqueológicos históricos relativos às reduções jesuíticas do início do século XVII, bem como em aldeias descritas por viajantes dos séculos XVIII a XIX, como Afonso Botelho (1771), e mesmo dentro das colônias militares e aldeamentos indígenas, do século XIX, do vale do rio Iguaçu é muito provável que sejam recuperados inúmeros vestígios relacionados à Tradição Arqueológica Itararé. Afinal, esta Tradição está diretamente relacionada aos Kaingáng e/ou Coroados, Xokleng e seus ancestrais.

Na confecção do EIA-RIMA da UHE Fundão foram cadastrados 12 sítios arqueológicos da Tradição Itararé, a maior parte na área diretamente afetada pela futura usina: Boa Vista I, III, IV, V, VI e VII, Vaca Branca I e II, Campo Bonito I, II e IV; além de um na área de influência: Boa Vista II. Em um destes sítios arqueológicos, o da Boa Vista II, ocorrem associados artefatos líticos possivelmente relacionados à Tradição Umbu (Parellada et al., 1998), o que pode representar duas ocupações em períodos diferentes na mesma área, ou que houve contato interétnico entre estes povos.

Quando da elaboração do EIA-RIMA da UHE Santa Clara foram cadastrados 5 sítios arqueológicos da Tradição Itararé, sendo 3 na área diretamente afetada: Fazenda Visconde I, e II, e Novo Rodeio I; e dois na de influência: Fazenda Visconde III e IV.

A maioria destes sítios apresentavam-se parcialmente destruídos por atividades antrópicas, como a agricultura e a abertura de estradas. Em todos estes sítios arqueológicos foram recuperados fragmentos cerâmicos da Tradição Itararé, além de diversos artefatos líticos, sendo que na maioria deles os vestígios ocorriam superficialmente até 25cm, em meio a uma matriz de sedimentos argilo-arenosos marrom amarelados a avermelhados, com pedaços de carvão associados. Somente no sítio Campo Bonito I os vestígios foram coletados até 70cm de profundidade.

Com os resultados, até o momento, do resgate arqueológico da UHE Santa Clara tem-se 18 novos sítios cadastrados nas áreas do canteiro, casa de força, britador e reservatório: Canteiro Santa Clara 1 e 2, Casa de Força UHE Santa Clara, Eixo UHE Santa Clara 1 a 3, Ensecadeira 1 e 2, Fazenda Visconde 7 a 10, Fazenda Tupi 2 e 3, Batatal Tupi 1 e 2, Fazenda Novo Rodeio 2 e Candói-Ferreira 1.

Na UHE Fundão, em áreas de construção dos canteiros, britador, eixo da barragem, casa de força e janela de escavação, foram caracterizados 14 novos sítios arqueológicos filiados à Tradição Itararé: Eixo Barragem UHE Fundão 1 a 7, Canteiro UHE Fundão 1 a 3, Casa Força Fundão 1, 3, 4 e 8.

Os sítios da **Tradição Tupiguarani** estão relacionados aos grupos ceramistas, praticantes de uma agricultura incipiente, que ocuparam as regiões com florestas úmidas do sul da América do Sul (Brochado, 1980).

No Paraná ocorrem em quase todo o território, aparecendo com maior frequência nos vales dos rios Paraná, Ivaí, Tibagi e Iguaçu. A Tradição Tupiguarani caracteriza-se por possuir cerâmica simples ou com diversos tipos de decoração, como a corrugada, a corrugada-ungulada, e pela pintura policroma em linhas vermelhas e/ ou pretas sobre engobo branco.

Os principais artefatos líticos são : lâminas de machado polidas ou lascadas, adornos labiais em forma de “T” (tembetás), lascas, raspadores, choppers, chopping tools, polidores em canaleta e pingentes polidos perfurados. Em sítios desta tradição são comuns os enterramentos em urnas cerâmicas, onde também eram inseridos os objetos principais do morto, como lâminas de machado ou pequenas vasilhas (Metrax, 1948).

A dieta alimentar desses grupos baseava-se no cultivo de mandioca, milho, batata-doce e feijão; na pesca, caça e coleta de frutos, raízes e mel. Os sítios Tupiguarani estão relacionados aos índios Guarani e Tupi, e seus ancestrais.

Chmyz (1971, 1993) definiu para o baixo e médio rio Iguaçu três fases relacionadas à Tradição Tupiguarani: Ibirajé, Sarandi e Icaraíma, sendo que esta última talvez esteja relacionada aos índios Payaguá, da família Guaikurú, citados em documentação histórica do século XVI. A Ibirajé tem datações entre A.D. 1190 e 1695 anos, e a Sarandi está ligada ao encontro dos Guarani com os colonizadores europeus, e as idades estão entre A.D. 1300 a 1805 anos.

No vale do médio e baixo rio Iguaçu foram cadastrados vários sítios arqueológicos desta Tradição, como os dois estudados por Chmyz (1994) na região atingida pela UHE Segredo. Na área de influência da UHE Santa Clara ocorre o sítio arqueológico Fazenda Tupi I, relacionado à Tradição Tupiguarani.

Com os resultados parciais do salvamento arqueológico do Complexo Energético do Jordão tem-se mais 3 novos sítios cadastrados nas proximidades do reservatório da UHE Santa Clara: Fazenda Viscone 5, 6 e 8. Também foi cadastrado mais um sítio Tupiguarani na área do eixo da barragem da UHE Fundão: o Eixo Barragem UHE Fundão 7, que é uma área com duas ocupações mais antigas: das Tradições Umbu e Itararé.

As **pinturas e gravuras rupestres** que ocorrem no Paraná enquadram-se em duas Tradições: Planalto e Geométrica.

A **Tradição Planalto**, segundo Prous (1989), apresenta figuras pintadas geralmente em vermelho, e mais raramente em preto ou amarelo, sendo principalmente de animais, e ocorrendo representações geométricas em menor proporção. A maior parte das pinturas rupestres paranaenses aparecem junto a afloramentos do arenito Furnas, como são os abrigos existentes no canyon do Guartelá (Parellada 2003).

Nas prospecções arqueológicas desenvolvidas nas áreas de construção do eixo da barragem, da casa de força e janela da escavação, da UHE Fundão, foram cadastrados 15 abrigos-sob-rocha em rochas andesíticas e basálticas, sendo que, em alguns deles, ocorriam pinturas rupestres em vermelho.

A **Tradição Geométrica**, como o próprio nome indica, caracteriza-se por apresentar representações geométricas, quase não aparecendo outras figuras. Nesta Tradição estão reunidas as gravuras rupestres encontradas no Paraná, já identificadas no vale do rio Iguaçu e Paranapanema, além de parte das pinturas rupestres que ocorrem nos arenitos Furnas e Itararé, principalmente os sítios localizados no norte paranaense.

As gravuras ocorrem em áreas de afloramentos de basaltos e andesitos da Formação Lavas da Serra Geral, de arenitos e conglomerados Furnas, e de arenitos e diamictitos Itararé. Em algumas gravuras já foram observados vestígios de pigmentos bastante intemperizados, ou seja, possivelmente parte das gravuras rupestres eram pintadas, ou havia pinturas associadas a elas.

No vale do médio rio Iguaçu foram caracterizadas gravuras, associadas à Tradição Itararé, nos sítios Vargem Grande e Abrigo Bruacas (Chmyz 1968b, 1969a). No Abrigo Bruacas, situado na escarpa basáltica, no sul do Paraná, em União da Vitória, havia alguns conjuntos gravados, sendo freqüentes círculos, diâmetro médio de 2 cm e 5 mm de profundidade, formando linhas paralelas. Outros conjuntos pareciam ser apenas sulcos alongados, como os causados pelo polimento de artefatos de pedra.

Além destes locais, ocorrem gravuras em três sítios-acampamento Tupiguarani localizados na Fazenda Franco, em Porto Amazonas- PR, junto ao rio Monjolo, afluente do Iguaçu (Nigro et al., 1973). Em alguns deles observaram-se gravuras com representações geométricas, além de polidores em arenito.

No vale do médio rio Iguaçu, os pesquisadores Langer e Santos cadastraram, em 2001, três sítios com gravuras rupestres: Caverna do Alemão, em Porto União -SC, Morro das Tocas, em União da Vitória - PR, e Sítio Pedra Fincada, em Cruz Machado- PR. O sítio arqueológico Pedra Fincada possui quatro conjuntos, com círculos, linha sinoidal, e até mesmo um conjunto com grafismos históricos (Langer & Santos, 2001).

Ainda, no vale do baixo Iguaçu, no sítio arqueológico Ouro Verde I, em Boa Esperança do Iguaçu, sudoeste paranaense, foi caracterizado um conjunto de 500 gravuras rupestres, em afloramentos e blocos de basaltos e andesitos, predominando representações geométricas, com círculos concêntricos, alguns raiados, muitos pontos enfileirados e grades (Parellada et al. 1996, 2001).

Parte dessas gravuras pode estar associada a, atualmente, ocupação mais antiga do Paraná, o nível inferior do sítio Ouro Verde I, datado em 9040 ± 400 anos A.P. (ANU 192-17; Parellada et al. 2003), relacionado a povos caçadores-coletores da Tradição Umbu. Nesse sítio também ocorrem vestígios mais recentes de grupos ceramistas filiados à Tradição Itararé, datados em cerca de 300 anos A.P. No município paranaense de Três Barras do Paraná, junto à margem direita do Iguaçu, também foi cadastrado um sítio arqueológico com cerca de 50 gravuras rupestres, em afloramentos e blocos de basalto, onde aparecem círculos concêntricos e pontos (Parellada, 2000b).

Na área do reservatório da UHE Santa Clara, na Fazenda Novo Rodeio, município de Candói-PR, foram identificados conjuntos de afloramentos de basaltos e andesitos que podem conter gravuras rupestres. A área está sendo alvo de estudos mais detalhados que poderão confirmar estes dados preliminares.

Em locais de afloramentos de basaltos e andesitos, principalmente em topo de morros, próximos a área de construção da casa de força da UHE Fundão e da cachoeira Vaca Branca, foram identificados vários polidores e amoladores.

A **arqueologia histórica** desta região compreende os diversos vestígios deixados pelas diversas populações que a habitaram a partir do século XVI, e onde existe documentação escrita. Na área de estudo estes materiais podem ser caracterizados como pertencentes à **Tradição Neobrasileira**.

“A Tradição Neobrasileira, combinando técnicas indígenas de manufatura e decoração com elementos de forma européia, desenvolveu-se no litoral brasileiro a partir do século XVI. O escovado e o corrugado são comuns. Digitado sobre o lábio ou frisos aplicados, ponteados, inciso e engobo vermelho são outras técnicas que ocorrem. Asas curvadas nos ombros, bases planas e em pedestal são elementos característicos de influência européia. Também estão presentes cachimbos angulares.” (Chmyz 1976).

A região estudada, como quase todo o interior do Estado do Paraná, pertencia à Coroa Espanhola desde o Tratado de Tordesilhas de 1494, e era denominada Província del Guairá. Esta Província tinha como limites, segundo Cardozo (1970): o rio Paranapanema ao norte, o rio Iguaçu ao sul, o rio Paraná a oeste e as serras de Guarayrú a leste, ou seja, as escarpas do arenito Furnas.

O Guairá era povoado principalmente por grupos indígenas Guarani e do Tronco Lingüístico Jê¹, que tiveram contato com os primeiros viajantes europeus, como Aleixo Garcia em 1524 e Cabeza de Vaca² 1541/ 42, comandantes de expedições que saíam do litoral brasileiro e pretendiam chegar ao Paraguai. Tanto estes viajantes, como também o lansquenete Ulrich Schmidel em 1552/ 53, utilizaram um caminho indígena, rico em ramais, denominado *Peabiru*, que saía da costa do Atlântico e chegava até o Pacífico (Maack, 1968; Cardozo, 1970). Esta rede de caminhos era conservada através da plantação de uma espécie de gramínea rasteira, que impedia o crescimento de vegetação de maior porte, fazendo com que a trilha não fosse encoberta pela mata.

Muitos dos ramais do *Peabiru* acabaram originando uma série de estradas dos colonos na conquista e ocupação do território. Assim, nas proximidades do *Peabiru*, a partir de 1554, os espanhóis iniciam a criação de núcleos de povoamento na *Província del Guairá*, primeiro com *Ontiveros*, junto às Cataratas do Iguaçu. Em 1556, fundaram *Ciudad Real del Guairá*, na foz do rio Piquiri no Paraná, para onde foram transferidos os habitantes que ainda restavam em Ontiveros. Em 1570, foi fundada, pelo capitão Melgarejo, *Villa Rica del Espiritu Santo*, às margens do rio Cantu, afluente do Piquiri.

¹ Em 1882, Telêmaco Borba introduziu o termo Kaingáng para designar os índios não Guarani dos Estados do Paraná, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (Metraux, 1946).

² Cabeza de Vaca, governador do Rio da Prata, comandava um grupo de conquistadores, que saiu do litoral de Santa Catarina e pretendendo chegar ao Paraguai, acabou por passar pelo vale do rio Iguaçu, utilizando o caminho do *Peabiru* (Cabeza de Vaca, 1987).

No início do século XVII, segundo dados históricos (Taunay, 1922; Cardozo, 1970; Chmyz, 1976, Parellada, 1993, 1997), foram criadas várias reduções jesuíticas³ na Província del Guairá. Estas reduções foram financiadas pela Coroa espanhola, e tiveram curta duração, pois até 1632 os bandeirantes paulistas destruíram tanto as cidades espanholas da Província del Guairá, como todas as reduções lá existentes. Na área diretamente afetada e/ ou na de influência da LT UHE Segredo - UHE's Santa Clara e Fundão podem haver vestígios relacionados a este período.

Em 1765, o governador da Província de São Paulo, D. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão, toma posse, e inicia uma série de expedições aos sertões do Ivaí, Tibagi e Iguaçu (Lovato, 1974). Os comandantes, com os respectivos períodos, das principais expedições ao rio Iguaçu, que passaram pelo rio Jordão ou nas proximidades, foram: Zacarias Dias Cortes- 1720, Antonio Silveira Peixoto - 1769, Cândido Xavier de Almeida - 1769 a 1771, Francisco Martins Lustosa - 1770 a 1771, e Afonso Botelho - 1771 a 1772 (Cardoso & Westphalen, 1986).

Os relatos de parte destas expedições, as comandadas pelo tenente-coronel Afonso Botelho de S. Paio e Souza, estão publicados nos Anais da Biblioteca Nacional (1956), sendo que existem mapas da região deste período localizando alguns aldeamentos indígenas e os trajetos das expedições (in Franco, 1943). Estas expedições visavam o reconhecimento do território e seus recursos naturais, além da conversão dos índios, observar comentários em Becker & Laroque (1999) e Belluzzo et al. (2003).

As primeiras informações sobre os campos de Guarapuava ocorrem na sexta expedição ao rio Iguaçu ou Grande do Registro, onde foi observado clarão causado por fogueira ao norte do porto do Botelho. Na décima expedição de Afonso Botelho, que iniciou em 17 de novembro de 1771, houve o encontro dos paulistas com índios da região do Campo dos Carrapatos⁴, área situada entre os vales dos rios Pinhão⁵ e Jordão⁶.

As explorações nos campos de Guarapuava foram reiniciadas, em 1809, com a expedição comandada pelo coronel Diogo Pinto de Azevedo Portugal, que realizou a conquista e ocupação daquela região, através da fundação de um povoado denominado Atalaia (Franco, 1943; Chmyz, 1981b). Em 1819, o padre Chagas Lima e o tenente Antonio da Rocha Loures resolveram abandonar o Atalaia, e assim escolheram um novo local para o povoado, em planície situada a uma légua e meia da antiga vila, entre os rios Coutinho e Jordão (Leão, 1926).

³ O padre jesuíta Montoya (1985, p.34) definiu reduções como: “(...) aos povos ou povoados de índios, que vivendo à sua antiga usança em selvas, serras e vales, junto a arroios escondidos em três, quatro ou seis casas apenas, separados uns dos outros em questões de léguas duas, três ou mais, reduziu-os a diligência dos padres a povoações não pequenas e à vida política (civilizada) e humana, beneficiando algodão com que se vistam, porque em geral viviam na desnudez, nem ainda cobrindo o que a natureza ocultou.”

⁴ Carrapatos é a antiga denominação do território onde foi criado o distrito de Entre Rios, situado entre o rio Pinhão e o Jordão. O povoado dos Carrapatos foi base de operações da conquista de Guarapuava, realizada pelo tenente Cândido Xavier de Almeida e Souza, oficial do tenente-coronel Afonso Botelho.

⁵ Afluente do rio Jordão.

⁶ A denominação deste rio originou-se em 15 de dezembro de 1771, quando o tenente-coronel Afonso Botelho e vários expedicionários caíram ao rio, tendo o tenente coronel de mudar a roupa em uma lage ao meio do rio e este “ficou chamando-se o Rio Jordão, pelos muitos que nelle foram baptizados contra seu gosto” como escreve o cronista da expedição, Francisco Olyntho de Carvalho (Leão, 1929).

Além das expedições militares oficiais houve algumas “científicas”, que se intensificaram a partir da chegada da Família Real ao Brasil. No século XIX, as viagens de exploradores e naturalistas europeus, foram complementados por outros especialistas, como engenheiros e geólogos do Governo Imperial. No sul do Brasil, o Barão de Antonina encarrega Joaquim Francisco Lopes (o Guia Lopes) e João Henrique Elliot de realizarem viagens nos sertões do Paraná e Mato Grosso, entre 1844 e 1848.

As explorações oficiais, realizadas na segunda metade do século XIX, segundo Lovato (1974), tinham o propósito, muitas vezes, de estudar a possibilidade de implantação de vias de comunicação a locais de difícil acesso; preocupação estimulada com a Guerra do Paraguai. Na Província do Paraná, o Iguaçu foi explorado pelos engenheiros Keller, contratados pelo Presidente da Província (Keller & Keller, 1867).

Nos séculos XVIII e XIX o território paranaense era cortado pelos caminhos das Tropas, o mais antigo era o que vinha de Viamão e se dirigia à Sorocaba. Havia uma outra estrada, aberta pelos próprios fazendeiros dos campos paranaenses, que partia da região missioneira do Rio Grande do Sul, atravessava o planalto catarinense em Chapecó, seguia até Palmas, onde atravessava o rio Iguaçu, e depois pelo vale do rio Jordão até Guarapuava, quando cortava o vale do alto rio Ivaí, alcançando-se Ponta Grossa, e aí novamente o tronco principal do Caminho do Viamão (Machado, 1963).

Ao longo destas estradas podem ser encontrados sítios arqueológicos, dos séculos XVIII ao XIX, relacionados aos caminhos de tropeiros, aos pousos de abastecimento e descanso de tropas, e ainda a fazendas de invernadas.

No final do século XIX, Telêmaco Borba (1908) relatou que alguns grupos de índios Kaingáng (“os que ainda não se domesticaram”) viviam pelos sertões do baixo Piquiri, além das margens dos rios Ivaí e Iguaçu.

Também são ricos os relatos etnográficos e de viajantes sobre esta região, descrevendo a presença de várias aldeias indígenas até o século XIX (Borba, 1908; Pinto, 1945; Nimuendaju, 1982). Nimuendaju (1982) faz referências a existência, no vale do baixo e médio rio Iguaçu, de índios Gualachi no século XVII, Chiqui em 1640, Bituruna em 1690, além de Kaiguá e Guarani em 1855. Ainda nesta região, em 1882, foi instalada a Colônia Militar do Chopim, que tinha como principais objetivos a defesa da fronteira e a arregimentação de índios, mas que teve curta duração, pois foi desativada com a criação da Colônia Militar de Foz do Iguaçu (Boutin, 1977).

Com esta síntese da arqueologia, pode-se perceber a diversidade de populações que já ocuparam a área diretamente afetada e de influência das Usinas Hidrelétricas Santa Clara e Fundão, e dos poucos dados que se tem sobre elas. Assim, é importante que se realizem novas pesquisas arqueológicas na região, para aumentar a compreensão sobre a história e pré-história do Paraná, e reduzir os impactos que as atividades antrópicas podem causar neste rico patrimônio.

8. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Com a síntese dos dados arqueológicos até o momento trabalhados, pode-se perceber a diversidade de populações que ocuparam a área diretamente afetada e de influência das Usinas Hidrelétricas Santa Clara e Fundão, e a importância da realização dos trabalhos arqueológicos na região para uma maior compreensão da pré-história e história do centro-sul paranaense.

Deve ser destacado que os métodos utilizados na prospecção e escavação dos sítios arqueológicos estão sendo bastante eficientes, principalmente se for observado a área inundada pelos dois reservatórios (1650,4 hectares) com o cadastramento de oitenta e dois sítios arqueológicos, considerando que trabalhos de campo ainda estão em pleno andamento na área relativa a UHE Fundão.

Analisaram-se imagens de fotografias coloridas das áreas dos futuros reservatórios buscando-se a identificação de estruturas arqueológicas, que pudessem caracterizar principalmente aldeias e/ ou conjuntos de habitações, e ainda selecionar áreas prioritárias para as prospecções em campo. As dimensões de cada conjunto de estruturas mede desde 80x50m até 200x 200m, sendo a maioria de 100x100m, o que seria basicamente o tamanho médio de uma aldeia semi-permanente. As possíveis habitações tem comprimento e largura muito variáveis.

Devido a maior parte das encostas ter alta declividade e pertencer a grandes proprietários, foram poucas as informações sobre a ocorrência de sítios arqueológicos detectadas por entrevistas com a comunidade local, a maioria foi caracterizada pela análise fotointerpretativa, e pelas prospecções arqueológicas. Afinal, o uso de fotografias aéreas de vários anos, 1980 e 2000, permitiu além da dinamização das atividades de campo, também uma boa visualização do processo de ocupação da região de estudo, e a caracterização de estruturas arqueológicas. principalmente no voo de 2000, escala 1:20.000.

Os sítios arqueológicos cadastrados estão principalmente situados nos topos de morro e nas meia-encostas, e secundariamente nos vales, às margens do rio Jordão. Alguns mostram evidências que houve pouca perturbação no solo, pois ainda foram recuperados muitos vestígios e em bom estado de conservação. Este fato aconteceu principalmente nos locais desmatados há pouco tempo, como nas áreas de supressão vegetal do reservatório da UHE Santa Clara, e também onde estão sendo construídos o eixo da barragem, a janela de escavação e a casa de força da UHE Fundão.

O material coletado está sendo processado e analisado nos laboratórios do Departamento de Arqueologia do Museu Paranaense. No anexo I pode ser observado as fotografias tiradas do local e de alguns materiais. Com os resultados finais do projeto será feita publicação contendo detalhes dos dados recuperados no Programa de Resgate Arqueológico do Complexo Energético do Jordão.

Ainda vem sendo planejadas e desenvolvidas diversas atividades para divulgar a pesquisa, como: elaboração e distribuição de publicações, tanto didáticas como científicas; montagem de exposições, tanto de curta como longa duração, nos municípios atingidos pelo empreendimento e em esfera estadual.

Também, pretende-se executar palestras para a comunidade local e treinar os professores, visando uma melhor compreensão da pré-história paranaense e a conscientização da população sobre a importância do patrimônio arqueológico, e o seu significado como memória coletiva.

Deve ser destacado que a ELEJOR vem fornecendo toda a infra-estrutura para a realização dos trabalhos, colaborando com grande prestabilidade tanto nas atividades de campo como de laboratório, agilizando bastante a pesquisa.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMBROSETTI, J.B. Los cementerios pré-históricos del alto Paraná (Misiones). *Boletim del Instituto Geográfico Argentino*, Buenos Aires, v.16, p.227-257.
- ANAIIS DA BIBLIOTECA NACIONAL. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, v.76, 1956.
- BECKER, I.I.B. & LAROQUE, L.F.S. *O índio Kaingáng do Paraná: subsídios para uma etno-história*. São Leopoldo: Edit. UNISINOS, 1999.
- BELL, J. Gerenciamento e proteção de coleções arqueológicas. In: *Anais do II Workshop de Métodos Arqueológicos e Gerenciamento de Bens Culturais*. IBPC, Florianópolis-SC, p.231-240, 1993.
- BELLUZZO, A.M.M.; AMOROSO, M.R.; SEVCENKO, N.; PICCOLI, V. *Do contato ao confronto: a conquista de Guarapuava no século XVIII*. São Paulo: BNP- Paribas, 144p., 2003.
- BORBA, T. M. *Actualidade indígena*. Curitiba, Typ. e Lytog. a vapor Impressora Paranaense, 1908.
- BOUTIN, L. Colônias militares do Paraná. *Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense*. v.33, p.13-68, 1977.
- BROCHADO, J.J.P. A tradição cerâmica Tupiguarani na América do Sul. *Clio*, Recife, n.3, p.47-60, 1980.
- CABEZA DE VACA, A.N. *Naufrágios e comentários*. Porto Alegre/ São Paulo, L&PM Editores S.A., 1987.
- CARDOSO, J.A.; WESTPHALEN, C.M. *Atlas Histórico do Paraná*. 2 ed.rev. ampl. Curitiba, Livraria do Chain Editora, 1986.
- CARDOZO, R.I. *El Guairá, historia de la antigua provincia (1554-1676)*. Asunción: El Arte S.A., 1970.
- CHANG, K.C. Major aspects of the interrelationships of archaeology and ethnology. *Current Anthropology*, 3(3):227-243, 1967.
- _____. *Settlement archeology*. California, Palo Alto, 1968.
- CHMYZ, I. Considerações sobre duas novas tradições ceramistas arqueológicas no Estado do Paraná. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, n.18, p.115-125, 1968a.
- _____. Breves notas sobre petroglifos no segundo Planalto Paranaense (Sítio PR UV 5). *Revista do CEPA-UFPR*, Curitiba, n.1, p. 53-63, 1968b.
- _____. Novas manifestações da tradição Itararé no Estado do Paraná. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, n.20, p.121-129, 1969a.
- _____. Pesquisas arqueológicas no alto e médio rio Iguaçu. In: *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, 3, Result. Preliminares, 3º ano, 1967/ 68, Publ. Avulsas* n.13, Museu Paraense Emílio Goeldi, p.103-131, 1969b.
- _____. Pesquisas arqueológicas no médio e baixo rio Iguaçu. In: *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, 4, Result. Preliminares, 4º ano, 1968/ 69, Publ. Avulsas* n.15, Museu Paraense Emílio Goeldi, p.87-114, 1971.
- _____. Arqueologia e história da vila espanhola de Ciudad Real de Guairá. *Cadernos de Arqueologia*, Museu de Arqueologia e Artes Populares de Paranaguá, n.1, p.7-103, 1976.
- _____. *Relatório das pesquisas arqueológicas realizadas na área da Usina Hidrelétrica Foz do Areia*. Curitiba, Convênio COPEL - UFPR, 1981a.

- _____. *Relatório das pesquisas arqueológicas realizadas na área da Usina Hidrelétrica de Salto Santiago (1979-80)*. Florianópolis/ Curitiba: ELETROSUL/ IPHAN, 1981b.
- _____. Patrimônio arqueológico e paleontológico. In: COPEL-INTERTECHNE-LEME- ENGEVIX-ESTEIO. *Estudo de Impacto Ambiental da Usina Hidrelétrica de Salto Caxias, rio Iguaçu/ PR*, vol. IV, Curitiba, COPEL, 1993.
- _____. & CHMYZ, J.C.G. Datações radiométricas em áreas de salvamento arqueológico no Estado do Paraná. *Arqueologia, Revista do CEPA-UFPR*, Curitiba, n.5, p.69-78, 1986.
- CHMYZ, J.C.G. (coord.). *Relatório final das pesquisas arqueológicas realizadas na área da Usina Hidrelétrica Segredo (1991-94)*. Curitiba: COPEL/ FUNPAR/ UFPR, 1994.
- _____. (coord.). *Relatório final das pesquisas arqueológicas realizadas na área de influência de derivação do rio Jordão (1994-95)*. Curitiba: COPEL/ FUNPAR/ UFPR, 1995.
- COLLET, G. C. Novas informações sobre sambaquis fluviais do Estado de São Paulo. *Arquivos do Museu de História Natural - UFMG*, Belo Horizonte, n. 10, 1985.
- COMAS, J. *Manual de antropologia física*. Mexico, Inst. de Investig. Históricas, 1966.
- CORTESÃO, J.A. *Jesuítas e bandeirantes no Guairá (1549-1640)*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Museu Nacional, Div. de Obras Raras e Publicações, 1951.
- DAVIS, S.J. *The archeology of animals*. London, Batsford, 1987.
- DICKENS JR, R.S. (ed.) *Archeology of Urban America, the search for pattern and process. Studies in Historical Archeology*. New York, Academic Press, 1982.
- FERREIRA, J. C. V. *O Paraná e seus municípios*. Curitiba: Editora Memória Brasileira, p.527-528, 1996.
- FISH, P.R. & GRESHAM. Pesquisa de arqueologia regional em ambiente florestal. A represa Wallace, um estudo de caso. In: *Anais do II Workshop de Métodos Arqueológicos e Gerenciamento de Bens Culturais*. IBPC, Florianópolis-SC, p.88-106, 1993.
- FRANCO, A.M. *Diogo Pinto e a conquista de Guarapuava*. Curitiba: Museu Paranaense, 1943.
- GREHS, E. *Sensoriamento remoto: princípios e aplicações*. São Paulo, Ed. Edgard Blucher, 1980.
- HESSE, B. & WAPNISH, P. *Animal bone archeology*. Washington D.C., Smithsonian Institution, 1985.
- HODDER, I. *The present past*. New York, Pica Press, 1982.
- ICOMOS. International charter for archaeological heritage management. In: *Charters/ charters*. Paris, ICOMOS/ UNESCO, 1990.
- KELLER, J.; KELLER, F. Relatório da exploração do rio Iguassú feito em 1866. *Relatório do Ministério da Agricultura*, Rio de Janeiro, 1867.
- KERN, A. *Le preceramique du Plateau Sud-Brésilien*. École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris (Tese de doutoramento), 1981.
- LAMING-EMPERAIRE, A. Guia para o estudo das indústrias líticas da América do Sul. *Manuais de Arqueologia, 2*, CEPA-UFPR, 156p, 1967.
- LANGER, J.; SANTOS, S.F. Petróglifos do médio rio Iguaçu. *Rupestre/ web*. Disponível em: <<http://rupestreweb.tripod.com/iguazu.html>> 2001.
- LEÃO, E. *Contribuições históricas e geográficas para o dicionário do Paraná*. Curitiba: Empresa Graphica Paranaense, 1926.
- _____. *Contribuições históricas e geográficas para o dicionário do Paraná*. Curitiba: Empresa Graphica Paranaense, 1928.
- _____. *Contribuições históricas e geográficas para o dicionário do Paraná*. v.3, Curitiba: Empresa Graphica Paranaense, 1929.

- LEROI-GOUHRAN, A. 1972. Vocabulaire. In: LEROI-GOUHRAN, A. & BREZILLÓN, M. *Fouilles de Pincevent. Essai d'Analyse Ethnographique d'un Habitat Magdalénien*. Paris, CNRS, p.321-327.
- LOVATO, L. A contribuição de Franz Keller a etnografia do Paraná. *Boletim do Museu do Índio, Antropologia*, Rio de Janeiro, n.1, novembro 1974.
- MAACK, R. *Geografia física do Estado do Paraná*. Curitiba, Papelaria Max Roesner Ltda, 1968.
- MACHADO, B.P. Contribuição ao estudo da história agrária do Paraná. *Boletim da Universidade do Paraná, departamento de História*, Curitiba, n.3, p.1-27, 1963.
- MARTINS, R. *História do Paraná*. 3º ed. Curitiba: Editora Guaíra Limitada, s/d..
- MEGGERS, B. & EVANS, C. 1969. *Como interpretar a linguagem cerâmica*. Washington D.C. , Smithsonian Institution.
- MENDES, J.C. *Paleontologia Geral*, 2 ed. Rio de Janeiro, Livros Técn. e Científ., 1982.
- METRAUX, A. The Guarani. In: STEWARD, J.H. (ed.) *Handbook of South American Indians*. Washington D.C.: Bureau of American Ethnology, Bul. 143, v.3, p.69-94, 1948.
- MONTOYA, A.R. *Conquista espiritual feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraná, Paraguai, Uruguai e Tape*. Porto Alegre, Martins Livreiro Ed., 1985.
- NIGRO, L.H.F. Projeto Porto Amazonas. *Dédalo*, São Paulo, ano IX, n.17-18, p.100, junho/dezembro 1973.
- NIMUENDAJU, C.U. *Mapa etno-histórico de Curt Nimuendajú*. Rio de Janeiro: Fundação IBGE/ Fundação Nacional Pró-Memória, 1981.
- PALLESTRINI, L. Superfícies amplas em arqueologia pré-histórica brasileira. *Revista de Arqueologia*, 1(1):7-18, 1983.
- PARANÁ, S. *Chorographia do Paraná*. Curitiba: Typ. Livraria Economica, p.700, 1899.
- PARELLADA, C.I. Identificação de sambaquis através de análise fotointerpretativa na baía de Guaraqueçaba-PR. *Boletim de Geografia da Univ. Estadual Maringá*, ano 07, 1:97-103, 1989.
- _____. Villa Rica del Espiritu Santo: ruínas de uma cidade colonial espanhola no interior do Paraná. *Arquivos do Museu Paranaense, nova série arqueologia*, n.8, 1993.
- _____. Análise da malha urbana de Villa Rica del Espiritu Santo (1589-1632)/ Fênix-PR. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo*, n.5, p.51-61, 1995.
- _____. Métodos de prospecção do programa de salvamento arqueológico da Usina Hidrelétrica de Salto Caxias- PR. *Col. Arqueologia*, Porto Alegre, EDIPUC-RS, n.1, v.2, p.541-560, 1995/ 96.
- _____. Diagnóstico do patrimônio arqueológico. In: COPEL/INTERTECHNE-LEME-ENGEVIX-ESTEIO. *EIA/RIMA do Sistema de Transmissão de 500kV associado à UH Salto Caxias*, Curitiba, COPEL, outubro 1996.
- _____. *Um tesouro herdado: os vestígios arqueológicos da cidade colonial espanhola de Villa Rica del Espiritu Santo/ Fênix - PR*. Dissert. Mestrado, Depart. Antropologia/ UFPR, 1997.
- _____. (coord.). *Relatório das pesquisas realizadas na área da planejada UHE Fundão/ Rio Jordão - PR*. Curitiba, Museu Paranaense/ COPEL, relat. inédito, 1998.
- _____. Programa de salvamento arqueológico da UH Salto Caxias/ Rio Iguaçu - Paraná. *Artigo editado no CD-ROM do XV Seminário Nacional de Produção e Transmissão de Energia Elétrica*, Foz do Iguaçu- PR, ITAIPU Binacional, 1999.
- _____. (coord.). *Relatório preliminar do programa de salvamento arqueológico das linhas de transmissão de 525kV da UH Salto Caxias à Subestação Cascavel, Paraná*. Curitiba, Convênio COPEL- FUNPAR- Museu Paranaense, 2000.
- _____.(coord.) *Relatório final do programa de salvamento arqueológico da UH Salto Caxias-PR*. Curitiba, Convênio COPEL- FUNPAR- Museu Paranaense, 350 p., 2001.

- _____. Pinturas rupestres no centro-leste e nordeste paranaense. *Artigo editado no CD-ROM dos Anais do XII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, São Paulo, SAB, 2003.
- _____.; BARBOSA, A.; PEREIRA, E.M. Análise ambiental e estratigráfica do sítio arqueológico Ouro Verde I/ Boa Esperança do Iguaçu- PR. *Anais do XXXIX Congresso Brasileiro de Geologia*, Salvador, v.4, p. 510-513, 1996.
- PARELLADA, C.I.; FIFIELD, K.; ADDED, N. Cronologia de sítios arqueológicos no sudoeste e nordeste paranaense. *Arquivos do Museu Paranaense, nova série arqueologia*, Curitiba, n.9 (no prelo), 2003.
- PEREIRA, C.B. & MELLO e ALVIM, M. *Manual para estudos craniométricos e cranioscópicos*. Santa Maria-RS, Ed. Universidade Federal de Santa Maria, 1979.
- PREUCCELL, R.W. & HODDER, I. (ed.). 1996. *Contemporary archaeology in theory: a reader*. Oxford, 1996.
- PRONAPA. Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica. *Cadernos de Arqueologia*, Museu de Arqueologia e Artes Populares de Paranaguá, n.1, p.119-148, 1976
- PROUS, A. Arte rupestre brasileira: uma tentativa de classificação. *Revista de Pré-História*, São Paulo, n.7, p.9-33, 1989.
- ROHR, A. Terminologia Queratodontomalacológica. *Revista do Museu de Antropologia da UFSC*, 9/10:5-81, 1976.
- RYE, O.S. *Pottery technology. Principles and reconstruction*. Manuals on Archeology nº4. Washigton D.C., Taraxacum Inc. 149p, 1981.
- SABINS JR, F.F. *Remote Sensing, principles and interpretation*, 2nd ed. New York, W.H. Freeman and Company, 1987.
- SCHIFFER, M.B. *Formation processes of the archeological record*. Albuquerque, Univeristy of New Mexico Press. 428p, 1987.
- SCHMITZ, P.I.. *Caçadores e coletores da pré-história do Brasil*. São Leopoldo: Instituto Anchiitano de Pesquisas/ UNISINOS. 1984.
- _____. O patrimônio arqueológico brasileiro. *Revista de Arqueologia*. Rio de Janeiro, Sociedade de Arqueologia Brasileira, 5:11-18, 1988.
- _____. Áreas arqueológicas do litoral e do planalto do Brasil. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, n.1, p. 13-20, 1991.
- SHEPARD, A. *Ceramics for the archeologist*. Carnegie Institution of Washington, Publication 609, 1963.
- TAUNAY, A.E. Documentação hespanhola. *Annais do Museu Paulista*, t. I, 2. parte, São Paulo: Oficinas do Diario Oficial, 1922.
- TIXIER, J.; INIZAN, M.L. e ROCHE, H. Préhistoire de la pierre taillée 1: terminologie et technologie. Valdonne, Cercle de Recherches et d'études préhistoriques, 1981.
- UBELAKER, D. *Human skeletal remains*. Chicago, Aldine Company, 1978.
- WATSON, P.J. . The idea of ethnoarchaeology: notes and comments. In: KRAMER, C. (ed.) *Ethnoarchaeology*. New York, Columbia University Press, p.227-287, 1979.
- WHEELER, M. 1978. *Arqueologia de campo*, 1º reimpr. Madri, Fondo de Cultura Economica, 1978.
- WUST, I. Continuidade e mudança- Para uma interpretação dos grupos ceramistas pré-coloniais da bacia do rio Vermelho. vol. 1 e 2, São Paulo, USP, Tese de Doutorado, 1990.

ANEXOS

ANEXO I

Relatório Fotográfico



Foto 1 – Prospecção arqueológica no final do reservatório da UHE Santa Clara, município de Candói – PR (crédito fotográfico: Claudia Inês Parellada, abril 2005).



Foto 2 – Área do atual reservatório da UHE Santa Clara, em formação em abril de 2005, que foi prospectada, pela equipe de arqueologia, no município de Foz do Jordão – PR (crédito fotográfico: Claudia Inês Parellada).



Foto 3 – Prospecção arqueológica no final do reservatório da UHE Santa Clara, município de Candói – PR (crédito fotográfico: Claudia Inês Parellada, abril 2005).



Foto 4 – Uma das residências do Visconde de Guarapuava, situada no município de Pinhão-PR, nas proximidades do final do reservatório da UHE Santa Clara. Construída no início do século XIX (crédito fotográfico: Claudia Inês Parellada).



Foto 5 – Prospeção arqueológica na área do canteiro de obras da UHE Fundão, município Foz do Jordão – PR (crédito fotográfico: Claudia Inês Parellada).



Foto 6 – Prospeção arqueológica junto a área da casa de força da UHE Fundão, município Foz do Jordão – PR (crédito fotográfico: Claudia Inês Parellada).



Foto 7 – Ponta de projétil, com dimensões de 3,86x 2,99x 0,76cm, recuperada no sítio arqueológico Janela Escavação UHE Fundão 1, oficina lítica relacionada a Tradição Umu, município de Foz do Jordão - PR (crédito fotográfico: Claudia Inês Parellada).



Foto 8 – Alguns materiais líticos recuperados no sítio arqueológico Canteiro Santa Clara 2, município de Pinhão – PR (crédito fotográfico: Claudia Inês Parellada).



Foto 9 – Alguns materiais líticos recuperados no sítio arqueológico Ensecadeira Santa Clara 1, município de Pinhão – PR (crédito fotográfico: Claudia Inês Parellada).



Foto 10 – Cerâmica Itararé-Taquara recuperada no sítio arqueológico Canteiro Santa Clara 1, município de Pinhão – PR (crédito fotográfico: Claudia Inês Parellada).



Foto 11 – Alguns materiais líticos recuperados no sítio arqueológico Fazenda Visconde 5, município de Pinhão – PR (crédito fotográfico: Claudia Inês Parellada).



Foto 12 – Cerâmica Tupiguarani recuperada no sítio arqueológico Fazenda Visconde 5, município de Pinhão – PR (crédito fotográfico: Claudia Inês Parellada).



Foto 13 – Alguns materiais líticos recuperados no sítio arqueológico Eixo Barragem UHE Fundão 7, município de Foz do Jordão – PR (crédito fotográfico: Claudia Inês Parellada).



Foto 14 – Cerâmica Itararé-Taquara recuperada no sítio arqueológico Eixo Barragem UHE Fundão 7, município de Foz do Jordão – PR (crédito fotográfico: Claudia Inês Parellada).



Foto 15 – Prospecção arqueológica na UHE Fundão (crédito fotográfico: Claudia Inês Parellada).

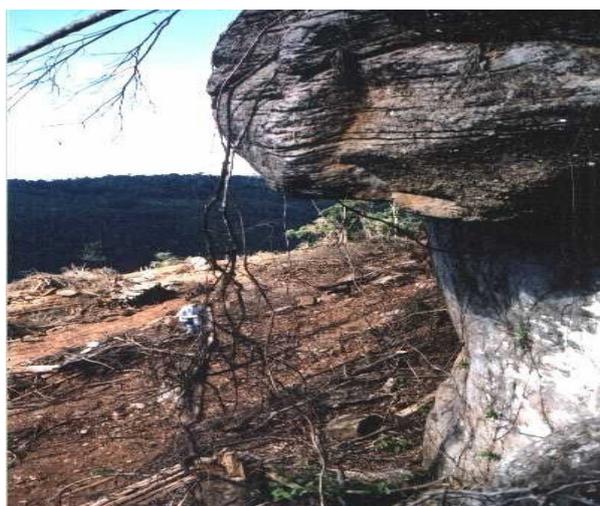


Foto 16 – Prospecção arqueológica na área do reservatório da UHE Santa Clara (crédito fotográfico: Claudia Inês Parellada).



Foto 17 – Prospecção arqueológica na UHE Fundão (crédito fotográfico: Claudia Inês Parellada).